NÚMERO 75 | 15 DE FEVEREIRO A 15 DE MARÇO DE 2009 | 1 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

"Os defensores do idioma devemos reinventar o discurso tendo em conta que o nosso horizonte nom vai ser o monolingüísmo"

Antón Reixa, produtor de cinema e presidente do Clúster Audiovisual Galego | PÁGINA 09 |

As opçons do soberanismo nas eleiçons em debate

A cita eleitoral do 1 de Março recupera o debate nas filas do movimento soberanista. A existência de duas candidaturas independentistas frente à demanda generalizada de umha única frente eleitoral suscita diferentes alternativas nas bases sociais que NOVAS DA GALIZA quijo reflectir na palestra dando voz a cinco militantes que oferecem as suas perspectivas: votar qualquer umha das opçons soberanistas representadas por NÓS-UP e a FPG, votar BNG como aglutinante frente à direita e o PSOE, obviar a participaçom eleitoral enquanto o movimento político nom madurecer ou castigar conscientemente a divisom através da abstençom ou o voto nulo. Argumentaçons diversas e diferentes olhares para que cada leitor ou leitora tire as suas próprias conclusons. / Pág. 12

O vendaval Klaus desvenda as deficiências da rede eléctrica e a incapacidade das empresas

Os ventos que trouxérom os últimos vendavais descobríron novamente a face mais desprotegida da nossa economia e até da nossa vida diária: as deficiências na rede eléctrica impedem um fornecimento contínuo e em condiçons em amplas zonas, o qual condiciona, limita e torna impossível o funcionamento normal de sectores económicos estratégicos e introduz a insegurança e a desconfiança na capacidade de defrontar mesmo os labores domésticos. O que há por trás dessa realidade que dumha forma tam explícita se tem revelado na sequela do Klaus? NOVAS DA GALIZA oferece nesta reportagem umha outra visom sobre um panorama estratégico vital para o País. / Pág. 10

Alternativas para um consumo mais consciente, prazenteiro e transformador / 11

Contundente oposiçom nas ruas à marcha espanholista de 'Galicia Bilingüe'

CENTENAS DE PESSOAS DESAFIAM O CERCO POLICIAL NAS INICIATIVAS DE CONTESTAÇOM

A defesa da língua juntou no passado dia 8 de Fevereiro pessoas vindas de todo o País na capital galega, respondendo à convocatória de numerosos colectivos sociais e políticos unidos numha causa comum: dizer bem alto que erradicar o galego nom vai ser assim tam fácil. A polícia fijo o seu trabalho com contundência, mas nem assim conseguiu que Galicia Bilingüe caminhasse cómoda por Compostela. 'Ridiculistas' por um lado e activistas 'mais clássicos' por outro apareciam em cada rua mostrando a sua indignaçom. As agressons dos extremistas e as constantes cargas policiais nom conseguiam impedir que, na seguinte esquina, aparecesse outro grupo de galeguistas a denunciar o desembarco 'orangista'. Os dez activistas detidos durante os protestos fôrom saindo em liberdade sob acusaçom no dia seguinte, denunciando o trato degradante recebido na esquadra policial. As fotos da Praça da Quintá delatavam o escasso poder de convocatória de Galicia Bilingüe (cerca de 2.000 pessoas), apesar de terem chegado 20 autocarros de diversas zonas de Espanha (só 12 de Madrid), entre eles um fretado pola Falange Espanhola. / Pág. 14

E AINDA...

Galiza Nom Se Vende volve tomar a rua

REIVINDICAM O DIREITO a voto só para residentes na Galiza enquanto o Berzo reclama presença

NOVA GREVE DO METAL e julgamentos de activistas

ENTREVISTAS A: Sabela Facal e Luís Fontenla, Alberto Granja, Ana Lois e Álvaro H. Pérez

Opinions de: *Dionísio Pereira e Eliseo Fernández, María X. Queizán, Maurício Castro, X. M. García Crego, Alberte Durám, Marta Varela e Carlos Calvo*

A hora da mobilizaçom

DIONÍSIO PEREIRA-ELISEO FERNÁNDEZ

◆

"ESTE É O MOMENTO DO MOVIMENTO EM PROL DE RECUPERAR A MEMÓRIA DOS VENCIDOS, QUE, MEDIANTE A MOBILIZAÇOM CIDADÁ, PODERIA REIVINDICAR UMHA SÉRIE DE MEDIDAS PARA DERROTAR SOCIAL E POLITICAMENTE OS MAIS RADICAIS PARTIDÁRIOS DA MEMÓRIA DOS VENCEDORES, A CAMINHO DE UMHA SEGUNDA TRANSIÇOM, DESTA VEZ FAVORÁVEL ÀS CAMADAS POPULARES E À RESOLUÇOM DEMOCRÁTICA DOS CONFLITOS POLÍTICOS ABERTOS NAS NAÇONS SEM ESTADO"

A ONU declarou em 1946 que *"nas suas origens, natureza, estrutura e conduta geral, o regime de Franco é um regime fascista modelado, e em grande medida estabelecido, graças à ajuda recebida da Alemanha nazi de Hitler e a Itália fascista de Mussolini"*. Porém, na Transiçom pactuou-se com personalidades daquela Ditadura a impunidade para os crimes e injustiças cometidas contra a cidadania.

Hoje, mais de 30 anos depois da restauraçom de umha democracia tutelada, as violaçons dos direitos humanos no Franquismo continuam a ser umha matéria pendente para o sistema político surgido da Transiçom. O governo espanhol mesmo obviou as petiçons efectuadas polo Conselho da Europa em Março de 2006, para que fosse constituído um comité que investigasse as violaçons dos direitos humanos no Estado espanhol e para pôr à disposiçom do público todos os arquivos que pudessem conter documentaçom relativa à repressom franquista.

Após a implementaçom da discutida Lei da Memória Histórica e da frustrada tentativa "en vedette" do juiz Garzón, entendemos que nom existe um compromisso firme para corrigir esta situaçon, quer por parte das forças políticas maioritárias, quer polos órgaos judiciais. Este é o momento do movimento em prol de recuperar a "memória dos vencidos", que, mediante a mobilizaçom cidadá, poderia reivindicar de maneira unitária umha série de medidas de "higiene democrática" para contribuir para derrotar social e politicamente os mais radicais partidários da "memória dos vencedores", a caminho de umha segunda Transiçom, desta vez favorável às camadas populares e à resoluçom democrática dos conflitos políticos abertos nas naçons sem Estado. Estas propostas poderiam ser:

- A derrogaçom, seguindo a recomendaçom da Comissom de Direitos Humanos da ONU datada em 30/10/2008, da imoral Lei de Amnistia de 1977, entendendo que foi umha disposiçom adoptada sob a chantagem que figérom os mesmos responsáveis polas violaçons de direitos padecidos pola populaçom civil, nos quarenta anos anteriores.

- O Estado e a Administraçom da Justiça devem assumir a consideraçom dos crimes do franquismo como de "lesa-humanidade" e reconhecer a sua imprescriptibilidade, actuando de ofício para julgar estes crimes e reparar os danos causados às vítimas. Entre as medidas urgentes que deveriam adoptar-se, estariam a anulaçom das sentenças judiciais dos tribunais franquistas, a extensom das indemnizaçons às famílias dos "passeados" e dos particulares que padecêrom roubos ou expropriaçons dos seus bens, e a responsabilidade do Estado e da Administraçom de Justiça nas tarefas de exumaçom e identificaçom dos cadáveres soterrados em fossas comuns.

- Criaçom de umha "Comissom pola Verdade", de carácter internacional e multidisciplinar, integrada por pessoas pertencentes ao terreno da investigaçom histórica e aos colectivos de recuperaçom da memória, representativa da diversidade territorial e nacional do Estado espanhol. A sua missom seria a de investigar todas as repressálias derivadas do golpe militar de 1936 e todas as pessoas implicadas nas mesmas, restabelecendo a verdade histórica mediante a elaboraçom e publicaçom de um relatório sobre a conculcaçom dos direitos fundamentais acontecida na guerra civil e no franquismo. Quanto aos represores identificados, entendemos que, nesta altura, o que se precisa nom é tanto que sejam penalizados num julgamento, como que as acçons judiciais ou administrativas que se puderem empreender tenham como finalidade principal estender a toda a sociedade a consciência do irreparável.

- Eliminar toda a simbologia franquista de ruas, edifícios e lugares de sociabilidade, pois é indignante que os causantes de tanta dor protagonizem os espaços simbólicos de umha sociedade que se pretende democrática.

- Que, assegurando o amparo à liberdade de investigaçom, a documentaçom esclarecedora do carácter criminal do franquismo seja posta à disposiçom das vítimas, dos seus familiares, dos historiadores e historiadoras e do público em geral, eliminando qualquer entrave ao seu acesso, mesmo adoptando medidas como a inabilitaçom para o desempenho de cargos públicos das pessoas responsáveis pola destruiçom, ocultaçom ou impedimento de consulta dos documentos em questom.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: **pelourinho@novasgz.com**

A PACIÊNCIA, ASSASINÁROM-NA

Outra vez o circo eleitoral, as ofertas milagreiras que nos vam tirar da crise e nos vam fazer avançar, e que, logo depois do dia 2, ficarám 'em papel molhado'. E é que eu, que nunca fum neutral, que desde há já muitos anos militei no nacionalismo popular, primeiro no sindicalismo (ING) e na UPG-BNPG, e depois na FPG, nom podo senom qualificar a actual situaçom em relaçom à acçom do governo bipartido como continuísta da dos anteriores governos do PP, e frustrante para as minhas posiçons de esquerda e soberanistas, como sei que o som para muitas das pessoas com que militei naquela altura.

Estes dias vimos como se manifestou em Compostela umha parte do nosso povo seguindo a convocatória da plataforma "Galiza nom se vende", denunciando este continuísmo com a direita e a desfeita ecológica do País, concretada em parques eólicos, aqüicultura, portos desportivos, pedreiras, urbanizaçons e o grande fraude à cidadania do incumprimento do pacto de governo para a transferência da ENCE (denunciado por A. Masa da APDR estes dias na imprensa). É desencorajador vermos a velha organizaçom nacionalista antes ligada à defesa dos interesses populares hoje convertida numha aliada dos governos de Madrid (apoio aos orçamentos do Estado por quatro migalhas) e favorecedora de umha grande burguesia galega (Tojeiro, Jacinto Rei, etc.) que lhe está a agradecer os serviços prestados. Cresce o descontentamento nas bases do BNG que já começa a ser clamor, perante o que os dirigentes neo-regionalistas nom fam senom pedir "paciência" apelando a Obama e outras demagogias, enquanto eles agora pisam alcatifa e tenhem carro oficial e aprovam para eles complementos anuais vitalícios de 15.000 euros, toda umha obscenidade que escarnece nestes tempos de crise.

Para os que pensamos que há que refazer o movimento nacionalista popular, o panorama complica-se ao ver a fragmentaçom da esquerda independentista (NÓS-UP/FPG). Eu, que militei na FPG que gerara umhas grandes expectativas com gente como Abalo, X. Carballo, etc., vejo que malversárom este grande capital humano e político num absurdo localismo em Cangas em vez de criar organizaçom em chave de País. A FPG hoje é umha força inactiva que quase só aparece nas citas eleitorais ao abeiro do Ferrín e outros escritores e escritoras, o que me lembra a sabedoria popular da minha avó quando dizia "estes estám quentes no mejo".

É por isso que eu, que já vou velho, quero rachar umha lança por esses moços e moças que dam a cara, ainda que às vezes lha partam, como em Salzedo na luita contra a Brilat ou em Santiago em defesa do galego, e que militam numha força pequena mas activa, NÓS-UP. Esse é para mim o verdadeiro voto útil que pode ir no caminho de recuperar a esperança e remover o rançoso e esclerotizado mapa político da Galiza.

Como podedes ver "eu nom sou Anxo Quintana".

Augusto Fontám Garcia

Além de Darwin

MARÍA XOSÉ QUEIZÁN

◆

"AS FORMAS SOCIAIS EMERGENTES PRESCINDEM DO NATURAL E TODO SE ADAPTA À SUSTENTABILIDADE E À VALORIZAÇOM DO CAPITAL INTELECTUAL. O NATURALISMO SÓ SE MANTÉM A RESPEITO DAS MULHERES, E BASEIA A SUA APROPRIAÇOM COMO CORPO SEXUAL E REPRODUTOR. "

◆

Comemoramos o bicentenário de Darwin, umha das mentes indispensáveis no avanço da humanidade e na superaçom de umhas crenças que convertiam as pessoas em brinquedos perante um destino fatal e uns desígnios de umha mente superior.

Talvez, numha etapa pré-histórica, em situaçons de adversidades e ignorância, a ideia do espírito serviu para que seres primitivos se alçassem sobre outros animais considerando-se superiores por terem umha alma e por terem sido criados por um ser superior. Assim surge o dualismo, um pensamento que alimentou a metafísica e a religiom durante séculos e tivo tanto arraigamento que ainda permanece em mentalidades conservadoras e em sociedades atrasadas e pré-científicas.

O criacionismo foi perdendo crédito na mente humana à medida que o conhecimento científico melhorava e ia desmontando fantasmagorias. O ateísmo foi argumentado por humanistas e pola razom ilustrada, mas foi Darwin e as suas conclusons expostas no livro *Sobre a Origem das Espécies*, publicado em 1859, o que demonstrou a evoluçom dos seres vivos e como os organismos se vam adaptando ao meio e complicando-se. A selecçom natural explicou o mundo tornando inverosímil um ser criador omnipotente.

Ainda, o azar, anteriormente relacionado com o prodígio ou com o destino, passa a ser umha alternativa, umha escolha com relevância no processo evolutivo. Um livro chave para mim a princípios dos anos 70 foi *O Azar e a Necessidade* de Jacques Monaud. A partir de Darwin, a evoluçom biológica converte-se num processo histórico e contingente, ou seja, esclarece que nom houvo necessidade de que a vida evoluísse do modo que o fijo, mas fijo-o de umha maneira coerente e científica. "Darwim rejeita a ideia da necessidade no mundo vivo, a ideia de que existe umha harmonia que imponha um sistema de relaçons entre os seres... Nengum plano preconcebido, fosse este executado de umha só vez numha criaçom ou através de transformaçons sucessivas, pode explicar as formas que povoárom e povoam a Terra nem a sua distribuiçom... Ao exorcizar o demo da necessidade, a teoria da evoluçom liberta o mundo vivo de toda a transcendência, de todo o factor que escape ao conhecimento."

As ideias de Darwin fôrom condenadas pola Religiom como contrárias à revelaçom divina e ainda hoje existem tendências fundamentalistas e antidarwinistas. O Vaticano aceitou recentemente Darwin, e fai-no quando já a humanidade vai superando a evoluçom biológica para ser substituída pola cultural.

"A princípios do séc. XX, a genética e a bioquímica darám um giro à biologia ... Decifra-se o código genético e descobre-se que é universal... Neste caminho de mais de mil milhons de anos de evoluçom passamos de ser ignorantes criaturas de um ser superior, ou de contemplar a natureza como umha estrutura hierárquica na qual o ser humano, porque tinha alma, era superior, a estarmos emparentados com todos os seres vivos por minúsculas moléculas de idênticos elementos. As conclusons científicas negam o racismo e a desigualdade tanto como as regras democráticas".

Hoje dispomos de conhecimentos científicos e tecnológicos que nem sonhava Darwin e a biotecnologia ou a clonaçom permitem sair do biológico para o cultural. As formas sociais emergentes prescindem do natural e todo se adapta à sustentabilidade e à valorizaçom do capital intelectual. O naturalismo só se mantém a respeito das mulheres, e baseia a sua apropriaçom como corpo sexual e reprodutor. No livro citado, proponho que acabar com essa consideraçom é imprescindível para a humanizaçom das humanas.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Sole Rei, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, Carlos Barros, Manuel Pintor

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 20/02/09

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín

COLABORAÇONS
Zélia Garcia, José E. Vicente, Maria Álvares, Vera-Cruz Montoto, Xabier Xil, Xiana Árias, **Opiniom**. Gustavo Luca, Maurício Castro, X. C. Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronologia.** Iván Cuevas. **Música**. Jacobe Pintor. **Galiza Natural**. João Aveledo. **Sexualidade**. Beatriz Santos. **Língua Nacional**. Valentim Fagim. **Desportos**. Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cinema**. Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves
Galiza Independente (GZI)
Xavier Sampil

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde
Mário Herrero (Suplementos)

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. A informaçom continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

A Crise do Dinheiro e a Crise da Consciência

Finalizadas as doses de confusionismo que eram necessárias, os políticos sinceram-se: descemos para o poço negro de umha crise de importância. A populaçom nom se arma, por enquanto, nem de solidariedade nem de valor. Unese no medo e procura algumha consigna certa na voz dos especialistas. Num mundo que alcançou um grau de complexidade tal, poucos se atrevem a elaborar um critério próprio. Mesmo o mais erudito se encolhe de ombros, abrumado polas chuvas de dados e os tecnicismos que anegam as tevês.

A maioria da esquerda pede para ser revitalizado o Estado, à espera de que ainda exista um dique de contençom contra o mercado desbocado e a economia das borbulhas. Porém, nem essa instituiçom reguladora assoma a cabeça por nengures, nem existem multitudes que chamem firmemente polo retorno da socialdemocracia fenecida.

Certamente, nom há cabeças privilegiadas - nengumha- que nos vaiam tirar deste labirinto. Se houver saída, toparemo-la numha marcha em equipa, que começa pola restauraçom das consciências. Os primeiros meses da crise já pugeram em relevo umha descomposiçom civilizatória grave: vagas de corruptos, xenofobia em alta, caça ao imigrante, perseguiçom policial à mobilizaçom nacional galega. A primeira crise, e quiçá a mais grave, é a da cooperaçom social e a das luitas colectivas.

SUSO SANMARTIN

NOTÍCIAS

VERA-CRUZ MONTOTO

Galiza Nom Se Vende volta a mobilizar milhares de pessoas em defesa da terra

REAFIRMA-SE A CAPACIDADE MOBILIZADORA À ESQUERDA DOS PARTIDOS PARLAMENTARES

REDACÇOM / As ruas de Compostela voltárom ser o cenário onde perto de cinco mil pessoas se manifestárom respondendo ao chamamento da rede Galiza Nom Se Vende no passado dia 15 de Fevereiro. A denúncia das agressons ao território por parte de empresas e administraçons centrou o discurso das dezenas de colectivos que expugérom as suas problemáticas particulares apontando as responsabilidades dos gestores do governo autonómico que, consideram, "nom modificou um ápice a sua política de beneficiar as grandes empresas", mantendo desta maneira "nefastas políticas ambientais que devastam os recursos naturais da Galiza e alimentam umha ordem social injusta e insustentável".

A segunda manifestaçom nacional da plataforma voltou a demonstrar a sua forte capacidade de mobilizadora, mantendo umha estrutura expresamente à margem do poder institucional e das redes de poder político e empresarial dominantes.

No manifesto a que dérom leitura na praça da Quintá, acusárom o bipartido de "governo disfarçado de progressista" e continuador das administraçons Fraga no "triste caminho de entregar o país às grandes multinacionais e aos grandes interesses económicos, utilizando o gasto público para alimentar este obsoleto e injusto modelo".

Por sua vez, actualizárom o seu discurso apontando o novo desafio da planificaçom eólica de Indústria que interpretam como um ordenamento "caótico" que autoriza instalar moinhos em "áreas de alto valor ecológico e arqueológico", como também em zonas protegidas. Mais umha vez, denunciárom o processo de 'marbelhizaçom' do litoral, a exclusom social, o plano piscícola, o eólico e o da minaria, as agressons aos rios, a eucaliptizaçom dos montes, a proliferaçom de indústrias nocivas e perigosas, a planificaçom de estradas e infraestruturas e a alta velocidade ferroviária.

À tarde, a jornada reivindicativa juntou-se à festa com o concerto realizado no Cámpus Sul da Universidade de Santiago em que tocárom as bandas The Homens, Os da Ria, Quempallou e Dakidarria.

Reivindicam que só as pessoas residentes na Galiza podam exercer o voto nas eleiçons

REDACÇOM / Com o objectivo de reformar a legislaçom eleitoral para que só os cidadaos e cidadás residentes na Galiza podam votar apresentava-se em Compostela no passado dia 12 de Fevereiro umha plataforma com o slogan central 'Se resides, decides'. A mudança do sufrágio proposta pretende "dar resposta ao amplo sentir cidadao crítico com as manifestas eivas do actual sistema eleitoral", que reconhece direitos plenos a colectivos que residem no exterior e "cujo único vínculo com o país consiste precisamente no exercício do direito ao voto", ao mesmo tempo que reduz ou "directamente recusa direitos a colectivos que residem de forma permanente no País".

Negando que o exercício do voto seja um direito "de sangue", preparam umha fase inicial prévia às eleiçons, em que se dirigirám aos partidos que se apresentam para instá-los a comprometer-se com os objectivos da plataforma e a promover iniciativas para a derrogaçom da lei eleitoral quando se constituir o novo governo. A segunda fase consistiria em pressionar os poderes públicos e sensibilizar a sociedade para que umha nova lei recolha as suas reivindicaçons.

Entre o grupo promotor destaca o histórico nacionalista Avelino Pousa Antelo, o director de teatro Quico Cadaval, o jornalista Afonso Eiré, o vice-reitor da Universidade de Santiago Elias Torres Feijó, o produtor de cinema Antón Reixa, o sindicalista Suso Seixo, o independentista Luís Gonçalez Blasco 'Foz', a professora Elvira Souto ou as artistas musicais Ugia Pedreira e Uxia Senlle.

O BERZO RECLAMA SER OUVIDO PERANTE O 1-M

◆ A associaçom cultural 'Fala Ceibe' do Berzo emitiu um comunicado perante a cita eleitoral reclamando que o poder legislativo autonómico "conheça de primeira mao a problemática do galego" nesta comarca, para o que proponhem a presença de entidades bercianas no Parlamento da Galiza. Solicitam fazer parte da Comissom de Cultura para expor a sua problemática e propor medidas de colaboraçom interterritorial. Perante o anúncio de reforma da Lei da Comarca do Berzo reclamam das instituiçons galegas apoio expresso para que se reconheça nela "a protecçom e o fomento do idioma galego" no seu articulado. Entre as medidas reivindicadas destacam a obrigatoriedade da oferta do ensino do galego no Berzo ocidental assim como a assinatura de um convénio de colaboraçom entre a Junta da Galiza e o Conselho Comarcal do Berzo em matéria de protecçom do idioma.

Intensa actividade dos centros sociais no arranque de 2009

Das sucedidas II Jornadas da Língua de Ourense ao 5º aniversário da Gentalha do Pichel e da Revira

REDACÇOM / O ano de 2009 arrancou nos centros sociais galegos com umha grandíssima actividade, essencialmente marcada polas II Jornadas da Língua de Ourense e o 5º aniversário de duas associaçons cujos centros sociais som referência no País: a compostelana Gentalha do Pichel e a ponte-vedresa Revira. As jornadas, organizadas pola Esmorga, a AGAL, o MDL e a AS-PG, fôrom nesta segunda ediçom um sucesso de público, chegando a contar por volta das 200 pessoas de média — o dobro que na primeira convocatória. Segundo as entidades organizadoras, as duas semanas de intenso trabalho entre o dia 24 de Janeiro e o dia 7 de Fevereiro dérom fruto, de maneira muito especial para aproximar novas visons a respeito do galego, o relacionamento com Portugal e as soluçons para a realidade lingüística na Galiza. Os eventos lúdicos superlotaram, igualmente, as instalaçons do Centro Social da Esmorga, e os áudios das conferências podem ser assistidos no Portal Galego da Língua (http://pglingua.org).

O mês de Janeiro também foi especial polo 5º aniversário da Gentalha do Pichel e da Revira. Na associaçom compostela celebrárom-no com umha grande ceia-festa no último dia do mês — data da feliz efeméride — que contou com a colaboraçom da cooperativa alimentar Amorodo — que forneceu produtos ecológicos para a ementa —, umha projecçom sobre os cinco anos da associaçom e um concerto de Míni e Mero, amigos declarados do colectivo.

Por sua parte, na Revira dedicárom todo o mês de Janeiro a comemorar o primeiro lustro de existência. A intensa programaçom contou com umha palestra sobre a revoluçom bolivariana, umha ceia de confraternizaçom, um concerto do grupo Lincorne — sob a legenda «Contra a Constituiçom espanhola» —, ou umha palestra de Lídia Senra — ex-secretária geral do Sindicato Labrego Galego— focada para 'quê comer e como o produzir na Galiza'.

Nova greve do metal no Sul enquanto julgam activistas sindicais em Vigo e Ferrol

REDACÇOM / A 5 de Fevereiro, milhares de operários do metal, ainda que em número inferior à greve de Novembro, voltavam a sair às ruas de Vigo contra a repressom sindical.

Desde a primeira hora da manhá participavam os trabalhadores deste sector numha nova jornada de mobilizaçom em solidariedade com os quatro trabalhadores do sector, que iam ser julgados nesta data pola greve de 2007, para que se cumprisse e respeitasse o convénio.

Partindo dos centros de trabalho voltavam a realizar-se marchas, que se uniam às nove da manhá na Praça do Rei, e continuavam em manifestaçom polas Camélias até o edifício dos Tribunais em que tinha lugar este processo judicial. Em frente, concentrárom-se estes grevistas até que finalizou, passada a umha da tarde, o julgamento.

Esta greve, que tivo um seguimento inferior à anterior polo mesmo processo judicial realizada em Novembro do ano passado, estava convocada pola CIG para todo o sector do metal, e apoiada pola CUT só no Naval. Desta vez, os sindicatos espanhóis ficavam à margem da convocatória.

Na sala nº1 do Penal tinha lugar o julgamento em que se voltou a exigir a "livre absolviçom" para os processados. Cumpre salientar as contradiçons em que incorrêrom os polícias nas suas declaraçons neste processo, assim como a surpresa que implicou que finalmente comparecesse a Cámara Municipal de Vigo reclamando o pagamento de 19 contentores do lixo.

Fontes judiciais assinalárom que o mais provável é que a sentença deste julgamento nom seja pública até daqui a um mês, "porque até que nom passem as eleiçons nom será tornada pública".

Nesta mobilizaçom participáron também os sindicalistas da Naval Xixón e os dirigentes da CSI-Astúries Candido González e José Manuel Martínez Morala.

Repressom em Ferrol

A 12 de Fevereiro, 120 delegadas e delegados da CIG da comarca de Trás-Ancos mostrárom a sua solidariedade com o secretário comarcal da CIG de Ferrol, Xesús López Pintos, na data em que enfrentava a petiçom de condena de cinco anos e três meses de prisom, 20 fins-de-semana de "arresto" e umha multa de 10 meses a razom de 30 euros por dia, que realizava em 2002 a Junta da Galiza, polos sucessos produzidos na Confraria de Mugardos em Setembro de 2001, numha brutal carga policial. Este pedido de pena era ainda mais duro que o da Fiscalia, que solicitava dous anos e meio de prisom e inabilitaçom especial para o sufrágio passivo, mas no julgamento desta jornada a Junta nom compareceu.

"O Código Penal para a patronal" foi o berro mais ouvido na concentraçom que tinha lugar às portas do Tribunal antes de que o julgamento fosse adiado e suspenso.

Nesta sessom nom compareceu o advogado da Junta da Galiza, de maneira que a petiçom que solicitava em 2002 a Administraçom autonómica pode ficar sem efectividade. Esta foi umha das questons mais positivas dos primeiros passos deste processo judicial, como indicou López Pintos, para o qual "parece um bom sinal, assim como o facto de que sejam ampliados os testemunhos, e que se estude se este Tribunal é o mais adequado ou nom para dirimir estas acusaçons".

Sancionam independentistas acusados de queimar a efígie do rei espanhol com multas que somam 4.500 euros

REDACÇOM / A sentença dictada pola Audiência Nacional contra os dous independentistas acusados de queimarem umha figura do monarca espanhol em Vigo véu a ser a mesma que a Fiscalia tinha proposto: 2.700 euros de sançom para A.B.E. e 1.800 para S.M.R. O titular do Tribunal Central do Penal da Audiência Nacional espanhola José María Vázquez Honrubia assumia assim na prática o ditado polo Estado sem ter em conta as consideraçons da defesa e das testemunhas apresentadas por esta.

A petiçom fiscal durante o julgamento, no entanto, foi menor que a inicialmente solicitada, que reclamava o pagamento de 9.000 entre ambos como castigo. Aduziu ter em conta o facto de que os dous independentistas estivessem em situaçom de desemprego.

Em declaraçons ao NOVAS DA GALIZA, A.B.E. e S.M.R. manifestárom o seu descontentamento com a decisom judicial e anunciárom a apresentaçom de um recurso perante o Tribunal Supremo solicitando a livre absolviçom.

Endurecem a situaçom penitenciária dos presos independentistas após a sua transferência para um cárcere leonês

REDACÇOM /Os presos independentistas Santiago Vigo e José Manuel Sanches fôrom transferidos no passado dia 10 desde a prisom madrilena de Aranjuez para o penal leonês de Mansilla de las Mulas. Ao pouco de chegarem ao novo cárcere, fôrom enviados para o módulo de isolamento em duas ocasions por períodos de 72 horas por exigirem o seu direito a umha cela individual. No fecho desta ediçom encontravam-se incomunicados de maneira indefinida.

Conforme indica Ceivar existem indícios de que lhes fosse aplicado o artigo 75.1 do regime penitenciário, que permitiria o envio de ambos militantes para o módulo de isolamento por três meses. De se confirmar esta informaçom, após a sua incomunicaçom os presos poderám ser enviados para um novo cárcere mais afastado da Galiza e/ou com a aplicaçom do primeiro grau para presos preventivos.

Vigo e Sanches continuam à espera de serem julgados após quinze meses de prisom. Estám acusados de portar um explosivo que pretenderiam colocar nas obras de umha urbanizaçom em Portosim em Dezembro de 2007 segundo informaçons difundidas pola Guarda Civil.

CRONOLOGIA

◆ 10-01-09

Pessoal de Cableados Auto, sanitários de Pontevedra, polícias autonómicos e vizinhança do Ribeiro contrária à instalaçom do parque empresarial em Carvalheda de Ávia apupam o começo da pré-campanha eleitoral do PSOE em Ourense.

◆ 11-01-09

Apaecem pintadas espanholistas na galescola de Nigrám.

◆ 12-01-09

Depois de que a cozinheira feche o seu restaurante, cinco trabalhadores de Toñi Vicente denunciam a falta de pagamento de dous meses de salário.

◆ 13-01-09

Antropóloga portuguesa Paula Godinho denuncia que a cámara de Verim quer eliminar críticas a Fraga e alusons ao Nunca Mais na obra com que ganhou o prémio Taboada Chivite, alegando que "com certeza, tampouco iam ser do agrado da Deputaçom de Ourense", coeditora do livro.

◆ 14-01-09

Agência Espanhola de Protecçom de Dados inicia expediente contra o hipermercado Alcampo de Ferrol por espiar os trabalhadores.

◆ 15-01-09

Trabalhador morto ao cair-lhe em cima uma árvore em Carral.

◆ 16-01-09

Guillermo Ramón Somoza, responsável pola Acçom Social do BNG em Buenos Aires, solicita a baixa como filiado por considerar que o partido "renega de se considerar de esquerda, nom assume a condiçom de força política republicana e renunciou a luitar pola autodeterminaçom da Galiza".

◆ 17-01-09

Segundo dados do recenseamento municipal, 50,4% dos galegos vivem nas sete cidades e os concelhos limítrofes.

◆ 18-01-09

15.000 pessoas manifestam-se em Compostela em apoio a Gaza e contra os ataques de Israel.

◆ 19-01-09

CIG denuncia que marinheiros indonésios vivem num barco atracado em Ribeira com um contrato

de 300 euros assinado por umha intermediária indonésia, a intermediária viguesa Crewnova e a armadora de Ribeira Abisal Fish.

◆ 20-01-09

Trabalhador da construçom de 39 anos falece em Outeiro de Rei por umha descarga eléctrica. No dia seguinte, José Manuel Novo Santín, trabalhador de manutençom das estradas, morre ao capotar o seu veículo na A-6.

◆ 21-01-09

Pessoal de Frigolouro volta ao trabalho depois de dous dias de greve em que três trabalhadores foram detidos.

◆ 22-01-09

Director do colégio Montecastelo de Vigo afirma que os centros do Opus segregados por sexos vam ir aos tribunais se a Junta lhes retirar as ajudas.

◆ 23-01-09

Trabalhador da empresa Nitragal morre em Vila Nova de Arouça após sofrer umha descarga eléctrica.

◆ 24-01-09

Temporal deixa três mortos na Galiza: um velho calcinado por um incêndio provocado por um curto-circuito, um marinheiro português do mercante Braga e um guarda civil esmagado por umha árvore.

◆ 25-01-09

Estanislao Rodríguez-Ponga, ex-secretário de Estado de Fazenda com o PP, entra no Conselho de Administraçom de Finsa.

◆ 26-01-09

Central de Nostiám desvia lixo para umha lixeira de Sobrado dos Monges ao nom poder ser queimado por Sogama.

◆ 27-01-09

Detido um homem em Cabanas como presumível responsável pola morte de Maria Teresa Comesanha Troncoso, umha nova vítima da violência de género.

◆ 28-01-09

PSOE de Ourense denuncia que Baltar tem contratados 33 porteiros para o prédio da Deputaçom que só tem 2 portas.

◆ 29-01-09

Sogama admite que armazenou resíduos farmacológicos, ainda que defenda que som "equipará-

Ana Lois, ex-funcionária acossada no concelho de Doçom durante dez anos

"Decatei-me de que o BNG estava a utilizar o meu caso para ganhar votos"

ZÉLIA GARCIA / Há dez anos começava para Ana Lois um "autêntico inferno", polo assédio laboral a que se viu submetida por Adolfo Campos, presidente do PP da Cámara Municipal de Doçom, como assim se reconhece em mais de trinta sentenças. O seu "delito" foi participar de umhas listas do BNG numhas eleiçons municipais e ser delegada sindical da CIG em Doçom. A 27 de Janeiro conhecia umha nova sentença: a da incapacidade para o seu posto de trabalho por "acidente laboral". Ana Lois agora é pensionista, com 42 anos, para un posto de trabalho que conseguiu por oposiçom. Esta é umha conversa com umha ex-militante do BNG que jogou o seu posto de trabalho e a sua saúde polo BNG, e a decepçom por um proceso em que a deixárom abandonada.

Como avalias a sentença judicial?
Valorizo-a positivamente porque, em si mesmo, o conflito nom tinha mais soluçom: ou ter a incapacidade total derivada de acidente de trabalho, ou sair com os pés por diante num caixom de madeira. Também é um conflito enorme de sentimentos, porque eu, quando opositei a Doçom, entrei legalmente no ano 1990, e tivem muita ilusom por trabalhar em algo que ganhara a pulso. É um mal menor, porque fico cobrando escassamente setecentos euros por mês.

Como fôrom estes dez anos de assédio laboral?
Nom quero frivolizar, e qualquer pessoa pode ser mui subjectiva ao falar daquilo que vive, mas eu passei um Guantánamo sem torturas físicas, porque, quanto ao resto das torturas, sofrim-nas todas: psicológica, ambiental... e nesse sentido há cinco propostas de requerimento de Inspecçom de Trabalho onde consta que estivem em condiçons infra-humanas. A Inspecçom de Trabalho que foi o único que funcionou no meu caso desde há seis anos, ademais do Tribunal.

Como começa a situaçom de assédio laboral em Doçom?
Eu em nengum momento figem fincapé em que o motivo polo que começou esta situaçom fosse por ir nas candidaturas do BNG, ainda que seja verdade que o BNG nunca foi capaz de conformar umha candidatura neste concelho até que eu me metim neste tema. Em Doçom ainda se vive o medo feudal, e ninguém se atrevia, porque toda aquela pessoa que se metia numha candidatura oposta à do PP era imediatamente aniquilada. No momento em que me chamam da comarca do Deça do BNG para formar esta candidatura às municipais digo que sim sem pensá-lo mais. Esse mesmo dia à tarde assinei a candidatura e depois encarreguei-me de preencher a candidatura, e de facto, a candidatura conformamo-la três familias e eu. O Valedor do Povo, sem prévio aviso, mandou dous vice-valedores a Doçom e eles dérom in situ fé do que estava a acontecer: que eu estava isolada, num sítio sem telefone, sem luz e sem água, a um quilómetro de distáncia do núcleo urbano; nom me deixavam fazer nengum tipo de trabalho, e os meus outros companheiros funcionários tampouco estavam em boa situaçom, polo que é neste momento quando sai à luz pública todo o que se passava e a relaçom com o facto de ir numha candidatura do BNG. Nesta primeira época, o BNG, por meio do deputado Bieito Lobeira, encarregou-se de levar o tema de Ana Lois ao Parlamento, mas depois decatei-me de que só estavam a jogar com o meu caso para ganharem votos.

Depois o BNG deixou de ter esse interesse; sentes-te decepcionada?
Sim, porque para o BNG, quando estava na oposiçom e nengumha das suas propostas sobre o meu caso prosperava, eu era daquela umha vítima e umha fonte de votos. Isso muda quando chega ao governo e tenhem a desfaçatez de apresentar, sem me consultar, umha proposiçom nom de lei onde dizia que o Parlamento galego aprovava comparecer como acusaçom particular em todas as minhas causas, entrar em Doçom para restabelecer a normalidade democrática, e ainda por cima todo isto ficou em nada, e só foi outra mentira, outra decepçom.

Pensas que influiu neste proceso que mantivesses como militante nacionalista umha posiçom crítica em relaçom à deriva do BNG e da UPG?
Há umha relaçom evidente. Eu critiquei aqueles dirigentes do BNG que se vendêrom pola alcatifa e por um carro oficial, em definitivo. Critiquei quem, na CIG, esqueceu os princípios que defendia por ter umha cadeira cómoda. Quero lembrar que há três anos a Executiva Confederal da CIG, por unanimidade, acordou liberar-me enquanto nom tivesse outra saída para a minha situaçom. Nunca se executou este acordo, porque de novo outros interesses se interpugérom.

E agora, que nova vida espera à Ana Lois?
Nom se fechou nengumha etapa, porque vou continuar a reclamar justiça por todo o que me aconteceu. Tenho contratados os meus advogados e advogadas, já que a CIG non me dá cobertura, que vam continuar a levar o meu caso. Tenho que continuar a levar adiante umha série de querelas criminais contra o delinqüente Adolfo Campos, presidente da Cámara municipal no concelho de Doçom. Nom finaliza umha vida e principia outra, porque vou continuar com a luita. Tenho que procurar trabalho, continuar no tratamento com a psicóloga e o psiquiatra. Preciso primeiro de descansar, porque animicamente estou mui em baixo, mas com vontade de retomar o tema de umha perspectiva mais distante.

Defensor do Povo espanhol ratifica a violaçom de direitos nos centros de menores

REDACÇOM / O 'Defensor do Povo' Enrique Múgica, emitiu um relatório em que critica a implementaçom das chamadas "medidas correctoras" aplicadas às e aos menores internos.

Nele assinala que se utiliza o isolamento como medida coercitiva de maneira habitual chegando a limites como o encerramento de menores em pequenos habitáculos sem luz exterior e paredes de plástico negro. Ainda, 75% destes centros no Estado utilizam narcóticos legais para os casos de "grave alteraçom" na sua conduta, assim como agressons de tipo físico.

A realidade presente nos centros de internamento localizados na Galiza foi analisado ao detalhe no número 72 desta publicaçom, em Novembro do ano passado.

Retiram a certificaçom de gestom sustentável à filial florestal da ENCE

REDACÇOM / O líder mundial em certificaçom florestal FSC (Forest Stewardsip Council) retirou à fornecedora de madeira da ENCE Norfor o seu título de gestom sustentável por incumprir a necessária diversificaçom das suas plantaçons, nas quais se pratica o monocultivo de eucalipto. Desta maneira, ratifica que a celulose desrespeita os padrons estatais de administraçom florestal da entidade.

Entidades ambientalistas tenhem acusado a Norfor de fazer uso de ervicidas proibidos, realizar movimentos de terras agressivos e ocultar informaçom da sua gestom e da localizaçom das parcelas que eram reconhecidas pola certificaçom da FSC.

Por sua vez, a Associaçom pola Defesa da Ria de Ponte Vedra (APDR) denunciou na sua Cámara Municipal e na Direcçom Geral de Património Cultural a empresa por umhas obras que desenvolve em Louriçám afectando com depósitos de grava e areia o jazigo arqueológico de Prazeres, composto por estruturas romanas de pedra. A APDR solicita saber se recebêrom a autorizaçom necessária por parte das entidades perante as quais apresentou a denúncia e informa que nom se fijo público o destino que a ENCE deu aos montículos de terra residual provavelmente poluída que retirárom para a realizaçom das obras.

Investigam o uso de voos diplomáticos para o tráfico de cocaína com a colaboraçom de um cabo da Guarda Civil

REDACÇOM / O cabo da Guarda Civil e segundo comandante do Porto Fiscal do aeroporto viguês de Peinador Francisco C.P. terá sido o enlace necessário com que contárom organizaçons colombianas de narcotraficantes para introduzirem cocaína através de voos diplomáticos de países africanos. Conforme consta nos autos iniciados por um julgado canário de La Orotava e que hoje estám a ser processados por um julgado viguês, Francisco C.P. Mantinha umha estreita relaçom com o 'narco' madrileno José N.L., junto com quem terá supervisado em 2007 a zona onde irá aterrar um aviom procedente de Benim com cocaína. O número do instituto armado era ainda o encarregado de rever as bagagens dos voos privados, onde iria guardada a droga.

Os tribunais contam com provas fotográficas e escuitas telefónicas que constatam a implicaçom do agente e os seus contactos com "inumeráveis pessoas de nacionalidade provavelmente sudamericana que tenhem contactos com os cárteis e as organizaçons de narcotraficantes". Assinalam que existe "um claro ánimo de facilitar" o trabalho destas máfias e que resulta "evidente que os narcotraficantes utilizam (...) contactos com pessoas de certa responsabilidade dentro das Forças da Ordem para sortear os contróis aduaneiros".

Francisco C.P., que tinha ingressado em prisom em Janeiro de 2008, encontra-se actualmente em liberdade provisional após pagar umha fiança por valor de 50.000 euros.

RODMAN PREPARA VENDA DE UM ESTALEIRO A MAGNATE DE MIAMI

REDACÇOM / O empresário Manuel Rodríguez Vázquez está a ultimar a venda do estaleiro viguês Metalships & Docks ao poderoso industrial Mário Pérez Rivera, oriundo da Galiza e residente em Miami. Após seis meses de negociaçons, este realizaria a compra através da West Group, umha das sociedades do seu conglomerado.

Pérez Rivera tem realizado diferentes contrataçons na Galiza nos últimos anos e mesmo chegara a anunciar a possível construçom de 25 hotéis no percurso do Caminho de Santiago.

Sobre a venda de estaleiros de Rodman já tinham transcendido negociaçons com um grupo de empresários vigueses, assim como com o falecido Jesús de Polanco, sem terem chegado a frutificar.

Entre as novidades na diversificaçom do negócio de Manuel Rodríguez, empresário vinculado ao PSOE e mentor da ministra do Ambiente, Meio Rural e Marinho Elena Espinosa, destaca a previsível fabricaçom de peças para parques eólicos perante a anunciada procura após a aprovaçom do Plano.

NOVAS DA GALIZA analisou as conexons do industrial com núcleos do PSOE que teriam propiciado a sua ascensom empresarial assim como diferentes irregularidades na sua projecçom no seu número 30, correspondente a Maio de 2005.

veis" aos resíduos urbanos.

◆ 30-01-09

UE confirma que o porto de Vigo recebeu carregamentos de panga contaminados.

◆ 01-02-09

As galegas cobram, em média, 453 euros menos que os homens.

◆ 03-02-09

Dúzias de desportistas apresentam um manifesto polo uso do galego no desporto.

◆ 04-02-09

Audiência nacional espanhola julga dous independentistas por terem queimado um boneco de Joám Carlos de Bourbon.

◆ 05-02-09

Falece um operário da construçom ao cair com o seu carro ao mar, convertendo-se no terceiro morto no trabalho em dous dias, depois de falecer um trabalhador da fábrica de tabuleiros Tablicia em Nadela e outro operário em Sás pola queda das aspas de um moinho de vento.

◆ 06-02-09

Luis Carrera, cabeça de lista do PP em Ourense, reconhece nom ter declarado na Fazenda o dinheiro que recebeu nas Ilhas Caimám por prestar assessoramento ao Banco Privado Português. Núñez Feijoo prescinde dele para as eleiçons.

◆ 07-02-09

A Justiça reconhece Xoán Gato como "legítimo cabeça de lista" de Terra Galega.

◆ 08-02-09

Galicia Bilingüe reúne por volta de 2.500 pessoas em Compostela, após fretar 20 autocarros de fora da Galiza, segundo a Mesa pola Normalizaçom Lingüística. Resposta popular à marcha espanhola finaliza com enfrentamentos entre polícia e manifestantes, várias cargas, destroços, e 11 detidos.

www.inovagaliza.com
|desenho|comunicaçom|publicidade|
inova

INTERNACIONAL

Pedro Cayuqueo, director do jornal mapuche "Azkintuwe"

"Queremos ser a plataforma de todo um povo"

ÁLVARO HILARIO PÉREZ DE SAN ROMÁN (PUBLICADO INICIALMENTE EM ARGIA) / Pedro Cayuqueo, jornalista e activista social é director do Periódico Azkintuwe. (...) Tem umha longa trajectória tanto nos meios de comunicaçom como nas luitas do seu povo. Anos confrontando a repressom com a palavra como arma mais valiosa. A publicaçom que dirige distribuiu 29 números e mais de 100.000 exemplares, além de contar com um portal digital que acumula outros milhares de visitas. Os seus textos som reproduzidos por importantes meios de todo o mundo.

"Vínhamos trabalhando desde o ano 2000 no campo da contra-informaçom. Todos vínhamos do activismo social; as publicaçons que fazíamos, portanto, estavam unidas ao activismo. Em 2003 decidimos fazer umha publicaçom ajustada aos cánones tradicionais do jornalismo. Com o activismo mediático dificilmente conseguíamos atrair a atençom de outros meios, do grémio que está legitimado para fazer imprensa", explica. "Muitos tínhamos freqüentado o curso de jornalismo; cada vez tínhamos mais ferramentas e decidimos que era importante mudar o que fazíamos. Decidimos lançar umha publicaçom de jornalismo de investigaçom que também nos permitisse entregar a nossa opiniom. A mudança foi boa: começamos a ter mais aceitaçom e a gerar mais incidência".

Azkintuwe é, ademais, um novo modo de entender a imprensa escrita mapuche. Nom tem relaçom nem com partidos nem organizaçons em particular. "As primeiras experiências de meios mapuche estám vinculadas a boletins partidários, institucionais, em tempos da ditadura. Nunca passavam de um ou dous números. O Conselho de Todas as Terras, já nos anos 90, editava um jornal que se chamava Aukin ('a voz') em que davam conta dos seus debates como organizaçom e as suas actividades. Circulou bastantes anos ao nível de comunidades e entre os seus membros, mas nom chegou a ter um desenvolvimento como meio de comunicaçom global do povo mapuche".

(...) Entre redactores, fotógrafos, ilustradores e os correspondentes repartidos por Wallmapu e outros pontos da América, som cerca de 20 as pessoas que fam Azkintuwe. Todos ad honorem. Num mundo marcado polas leis do mercado, som numerosos os obstáculos económicos. Problemas de ser independentes. "Fazer no Chile imprensa independente, imprensa mapuche, nom é apenas um apostolado, é umha necessidade vital porque temos no Chile grupos económicos, vinculados com as transnacionais que saqueiam o nosso território, e que controlam ademais a imprensa. Aliados, também, com os governos de turno. Acontece o mesmo na Argentina", e cita El Mercurio e La Tercera, poderosos e influentes holdings chilenos da comunicaçom.

(...) No momento de falar do mapudungun, Cayuqueo marca diferenças entre a realidade das estaçons de rádios e a imprensa escrita. "Custou muito que fosse usado o mapudungun na imprensa. Primeiro, porque a língua nom está normalizada: nom há normas gramaticais únicas. Isto complica a escrita e, mais ainda, a leitura. No jornal tentamos, mais do que usar o mapudungun, dar um espaço ao debate sobre a necessidade de revitalizá-lo e normalizá-lo. Há que fomentar um debate em torno da necessidade de normalizar a nossa língua. Há três anos, com motivo do Dia Internacional das Línguas, publicou-se um especial em mapudungun. Imprimi-lo e fazê-lo circular era incrível; foi o impacto de ver umha publicaçom completa em mapudungun, impacto que criou certa valorizaçom. E sabemos o importante que é dar valor social a umha língua".

A rádio parece ser mais propícia à utilizaçom do mapudungun. "Nos últimos anos produziu-se um avanço importante ao respeito. Nos anos 90 havia projectos comunitários com equipas de muito baixa freqüência e com umha média de 6 ou 7 meses de funcionamento. Depois começárom a aparecer programas mapuches em rádios comerciais. Hoje existem rádios comerciais mapuches; já nom é umha hora por semana numha rádio chilena ou argentina; já se deu o passo de criar rádios próprias por parte de organizaçons e comunicadores independentes, umha mudança tremenda, já que se deixa de depender das rádios argentinas e chilenas".

ALÉM MINHO

Apresentação da Docentes de Português na Galiza (DPG) na sede do Instituto Camões em Vigo

JOSEPH GHANIME / No passado dia 18 de Fevereiro teve lugar a apresentação da associação Docentes de Português na Galiza. O acto decorreu em Vigo, no Centro Cultural do Instituto Camões, cujo responsável é Samuel Rego. O presidente da associação, Felipe Domínguez Presa, referiu que os principais objectivos da mesma são fomentar na Galiza o ensino da língua e das culturas dos diferentes países de língua portuguesa, bem como promover o intercâmbio de informação científica e didáctica entre docentes.

A associação DPG tem como fim principal a difusão e o ensino da língua portuguesa na Galiza, bem como o conhecimento das culturas dos países de língua oficial portuguesa. Também pretende promover o intercâmbio científico, pedagógico e cultural entre profissionais do ensino desta língua.

Entre as actividades programadas pela associação estão um encontro anual de docentes de português e umas jornadas anuais de ensino da língua portuguesa. Segundo dados recolhidos pela associação, existem na Galiza cerca de 200 professores de português e mais de 1500 alunos inscritos nos diferentes cursos e níveis de ensino oficial.

O presidente da DPG destacou as potencialidades do português no ensino secundário galego, onde esta língua só pode vir a expandir-se, dado o crescente interesse.

Samuel Rego e Felipe Domínguez no lançamento da iniciativa

Quanto aos contactos já estabelecidos, Felipe Domínguez salientou o protocolo de colaboração já assinado com o Instituto Camões para promover um ensino de qualidade. Também houve já um contacto com a Associação de Professores de Português, APP, graças ao qual a DPG tenciona aderir à rede internacional de associações de língua portuguesa (RIAL).

Nesta primeira etapa do seu andamento, a DPG tem privilegiado uma primeira tomada de contacto com a realidade do ensino do português na Galiza: por um lado, a realização de uma pesquisa sobre a situação do ensino da língua portuguesa nos diversos níveis educativos (ensino secundário, escolas de língua para adultos e universidades); por outro lado, o fornecimento de informações aos professores e professoras dos estabelecimentos de ensino secundário galegos acerca dos passos a serem dados para solicitar a língua portuguesa para as suas escolas.

ENTREVISTA

“A Lusofonia tem umha sensibilidade nula para a unidade lingüística com o galego”

ANTÓN REIXA, REALIZADOR E PRODUTOR DE CINEMA E PRESIDENTE DO CLÚSTER AUDIOVISUAL GALEGO

EDUARDO MARAGOTO / Antón Reixa nom tem nostalgia da música em directo, embora guarde excelentes amizades nesse mundo. Voltaria, sim, a escrever letras para cançons, e de facto nunca abandonou a poesia que o deu a conhecer como artista no grupo Rompente. Com o passar dos anos, o multifacetado autor foi penetrando mais e mais no mundo 'audiovisual'. Para além de realizador e produtor de cinema, dirige umha cheia de projectos vinculados à indústria do sector, como o Clúster Audiovisual Galego (CLAG). O efémero Reixa opinador em castelhano deixou alguns *resentidos* entre as pessoas que o incluíam com paixom no santoral do galeguismo contemporáneo e às quais também custa digerir os *coqueteios* com o cinema em espanhol. Sobre isso e mais fomos conversar com ele.

Que é o CLAG e porque é interessante para o audiovisual galego?
É um organismo privado sem ánimo de lucro que persegue a cooperaçom empresarial. No caso galego é especialmente interessante, já que a produçom ausiovisual está mui atomizada. Para além dessa cooperaçom transversal, dado que o tamanho das empresas galegas nom lhes permite contarem com um departamente próprio de I+D, o CLAG funcionaria como o macrodepartamento de I+D das associadas.

É o mesmo “audiovisual galego” que “audiovisual em galego”?
É um debate que existe nom tanto no ámbito da produçom como sim no da realizaçom. A minha posiçom é que na Galiza é umha indústria cultural importante, e todo o que se figer em prol de se realizarem produçons directamente em galego é importante. Porém, cumpre dizer que o problema de normalizaçom lingüística nom é exactamente transponível ao 'audiovisual'. Quanto à língua de rodagem, o galego encontra-se numha situaçom relativamente normal, parecida à de muitos países europeus. Nos países nórdicos, na Alemanha... existe também esse debate: o mercado globalizado impom que as produçons que tenhem um percurso comercial mais longo sejam as rodadas em versom original inglesa. O universo lingüístico castelhanófono, ao contrário, é mui fechado: tem o vício de aceder a toda a informaçom só em castelhano e há umha tradiçom desconhecida noutros sítios que consiste em que o cinema é distribuído sempre dobrado. Eu penso que no cinema seria desejável que se fomentassem as versons legendadas.

No caso da tua primeira longametragem [*O Lápis do Carpinteiro*], o facto de ter saído primeiro em castelhano e mais tarde dobrada ao galego foi desencorajador para as pessoas defensoras da língua...
Nom, saiu simultaneamente em castelhano e dobrada ao galego. Havia umha discussom com o distribuidor, da Warner, que distribuiu muitíssimas menos cópias em galego que em castelhano. A mobilizaçom que isso provocou serviu para que entrasse em razom e disponibilizasse mais cópias em galego.

Reixa: "Galicia Bilingüe parte de umha obcecaçom ideológica que tem a ver com contingências políticas. Eles próprios reconhecem que o castelhano nom está em perigo"

Mesmo assim, as pessoas ficam com a ideia de que quando se fam filmes *a sério*, nom subsidiados nem para a televisom local, o galego tem pouco a dizer...
Independentemente de que seja subsidiado, é umha questom de mercado. Aconteceu com *O Lápis do Carpinteiro*. O capital galego do filme era de 15/20% e o resto era dinheiro de produtores de fora e televisons como Antena 3, Tele Madrid e Canal +, que nom tenhem especial sensibilidade para o galego.

Para contornar esse problema, nom seria positivo olhar para a Lusofonia? Da mesma maneira que se fam co-produçons com a Catalunha...
É umha pequena parte do caminho a percorrer. Porém, sempre que se fala disso obvia-se que também depende da outra parte, que tem umha sensibilidade nula para a unidade lingüística com o galego.

> Manifestei o meu desacordo com ter de escrever em castelhano para El País, mas um escritor independente sabe que dificilmente vai compartilhar todos os critérios de onde publica. Isso sim, mal tivem oportunidade, ao aparecer o Xornal de Galicia, deixei de escrever naquel jornal

Foste chamado para assessorar a reforma da CRTVG. A TVG realizou algumha coproduçom com Portugal. É mais fácil este caminho no caso das televisons?
Deveria ser mais fácil, nomeadamente no caso das públicas. Figérom-se séries, algum documentário e um programa de homenagem ao Zeca Afonso. Quanto à reforma, eu participei no relatório que fai referência a que a televisom poda participar em coproduçons europeias e latinoamericanas.

Mas nom se fai especial mençom da Lusofonia?
Nom.

Como viguês e neo-falante desde os 18 anos, que pensas de Galicia Bilingüe (GB)?
O facto de que apareçam colectivos mui organizados contra o conceito que a maioria temos de normalizaçom do galego, por minoritários que sejam, é mui grave e deve ser resolvida com inteligência. GB parte de umha obcecaçom ideológica que tem a ver com contingências políticas. Eles próprios reconhecem que o castelhano nom está em perigo. Quanto a nós, defensores da normalizaçom, devemos reinventar o nosso discurso ideológico. No mundo nacionalista vivia-se num esquema em que parecia que o único horizonte possível para a sobrevivência do galego era umha sociedade monolingüe em galego, e isso, para bem ou para mal, nom vai ocorrer. Sem renunciarmos aos princípios de promoçom do galego na Administraçom e no ensino, deveríamos ter em conta que o nosso horizonte lingüístico nom vai ser necessariamente esse, como tampouco será o monolingüismo em espanhol. Nom devemos decalcar o que acontece no mundo hispano em que todo vem dado na mesma língua. A alfabetizaçom das pessoas que nasçam na Galiza, em galego, que socialmente vam entrar em contacto com o castelhano, deve complementar-se com a aprendizagem de línguas estrangeiras; os indivíduos poliglotas vam ser melhores defensores do idioma.

Esta posiçom tem a ver com o facto de que publiques em castelhano no El País?
Bom, publiquei em castelhano no El País até que deixei de escrever para o El País.

Porque toma essa decisom umha pessoa tam significativa da cultura galega?
Naquele momento avaliei a oferta que se me fazia de escrever num meio de comunicaçom que tem relevância e tinha que valorizá-la basicamente porque nom tinha outras ofertas. Manifestei o meu profundo desacordo com ter de escrever em castelhano; segundo eles tratava-se de um critério de empresa, coerente com a política que tinham noutras zonas de Estado. Evidentemente, eu nom compartilho isso, mas um escritor independente sabe que dificilmente vai compartilhar todos os critérios das publicaçons em que publica. Isso sim, mal tivem oportunidade, ao aparecer o Xornal de Galicia, deixei o El País.

NOVAS DA GALIZA
15 de Fevereiro a 15 de Março de 2009

REPORTAGEM

O temporal descobre as deficiências da rede eléctrica perante a incapacidade das empresas

Os ventos que trouxérom os últimos vendavais descobríron novamente a face mais desprotegida da nossa economia e até da nossa vida diária: as deficiências na rede eléctrica impedem um fornecimento contínuo e em condiçons em amplas zonas, o qual condiciona, limita e torna impossível o funcionamento normal de sectores económicos estratégicos e introduz a insegurança e a desconfiança na capacidade de defrontar mesmo os labores domésticos. O que há por trás dessa realidade que dumha forma tam explícita se tem revelado na sequela do Klaus? NOVAS DA GALIZA oferece nesta reportagem umha outra visom sobre um panorama estratégico vital para o País.

MARCOS SALGUEIRO / Num trabalho elaborado com dados do ano 2000 no Departamento de Economia Aplicada da Universidade de Santiago (Yolanda Zotes, Revisión crítica das fontes estatísticas do sector eléctrico, ano 2000. O balance eléctrico de Galiza, Tese de licenciatura, USC) afirmava-se que umha das eivas do sector eléctrico no País era a representada pola deficiente rede eléctrica de média e baixa tensom, responsável pola maior parte das perdas de energia eléctrica (até quase 11% da energia produzida e disponível na rede) que se produz no País. Nesse mesmo trabalho incidia-se em que a Galiza nom precisava de produzir mais energia eléctrica, e entre outras questons, insistia-se na necessidade de modernizar a rede eléctrica para reduzir essa percentagem de perda no transporte e na distribuiçom.

Num outro trabalho da mesma equipa da USC quantificava-se outro dos indicadores da nossa realidade eléctrica, um indicador da qualidade do fornecimento eléctrico. Os cortes na rede de transporte som quantificados nos boletins estatísticos específicos como "energia nom fornecida" (ENF) e este indicador é expresso por territórios. Nesse trabalho estudou-se a "energia nom fornecida" por comunidades autónomas desde Junho de 1998 até Dezembro de 2003. Os resultados fôrom concludentes: a Galiza foi, com 45,49% da ENF em todo o Estado, o país com pior fornecimento na rede de transporte, seguido da Catalunha com 26,29%, do País Valenciano com 11,8% e da comunidade de Madrid com 7,86% da ENF.

Vizinho de Ferrol protesta pola gestom da Fenosa durante e depois do vendaval Klaus

Fenosa e a qualidade no fornecimento

Dias atrás, curiosamente depois de passar o Klaus, a Unión Fenosa tornava públicos os resultados da distribuiçom em média tensom para zona urbana, outro indicador de qualidade de fornecimento, afirmando sem rubor que "batera recordes" no índice de qualidade "nacional" e no da Comunidade de Madrid, melhorando o primeiro em 25,7%. Também na Galiza teria melhorado, ao se reduzir o "tempo de interrupçom equivalente de potência instalada (Tiepi)" a 79 minutos. Um relatório sem rubor, porque se o "Tiepi" galego é de 79 minutos, o da Comunidade de Madrid foi só de 34 minutos. Porém, o estudo citado da USC situa o "Tiepi" para a zona rural galega no ano 2003 em mais de 18 horas, sendo que o limite por lei é de 12 horas.

> Após o temporal soubo-se que o concelho Trabada denunciava que a Fenosa nom pagava um só euro por fazer um uso dos montes, o do transporte e da distribuiçom de electricidade, que ia em detrimento do uso prévio, o da produçom florestal

Klaus destapa a realidade

Segundo relatórios da Direcçom-Geral de Montes da Conselharia do Meio Rural, o temporal Klaus provocou a perda de mais de 1.200.000 toneladas de madeira, ao abater milheiros de árvores com refachos de até 200 km/h. A Junta de Galiza acaba de aprovar um plano de ajudas de mais de sete milhons de euros para promover a retirada dessa madeira dos montes. Esta decisom urgente era previsível, pois grande parte dessas árvores caíron sobre a rede de média e baixa tensom. Poucos dias depois de ocorrer o caos no fornecimento eléctrico, quando a Fenosa afirmava que os proprietários de montes produziam madeira invadindo a faixa de servidom da rede eléctrica, o alcalde do município luguês de Travada, conhecido pola sua enorme produçom de madeira de eucalipto, saltava à palestra para denunciar que a Fenosa nom pagava um só euro por fazer um uso dos montes, o do transporte e da distribuiçom de electricidade, que ia em detrimento do uso prévio, o da produçom florestal. A situaçom, pois, revelou um caos em que os usos da terra, ambos de carácter espoliador, concorrem para obter os maiores rendimentos com o menor esforço de investimento.

O sector eléctrico, estratégico para o País

Ninguém pom en dúvida que umha economia autocentrada deve contar com um sistema energético nom dependente, ao serviço da indústria e dos sectores produtivos básicos. Porém, e apesar dos enérgicos protestos que numerosas pessoas clientes da Fenosa expressárom recentemente devido à suba da tarifa eléctrica, nengum dos três partidos do arco parlamentar fijo declaraçom algumha, mesmo em campanha eleitoral, sobre as possibilidades de resgatar concessons de produçom hidroeléctrica das grandes empresas eléctricas que operam na Galiza, para lançar os alicerces dum sistema eléctrico público galego.

ERRATA: No artigo de opiniom assinado por Pedro Alonso no passado número nom aparecérom publicadas as últimas linhas das 3 colunas do texto, nas que deveria figurar "cos, impondo-se sobre posiçons", "concurso eólico, umha vez resol-" e "galegas de bem.". Por sua vez, o artigo do suplemento 'Dito e Feito' sobre a escalada na Galiza foi redigido por José Viana.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
Sta. Marinha · Ginzo de Limia

Arrincadeira
C. Histórico · Riba d'Ávia

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

LSO Atocha Alta 14
Monte Alto · Corunha

Atreu!
S. José · Corunha

Aturujo
Principal · Boiro

Baluca Vermelha
Redondela · Ponte Areias

A Casa da Triga
P. Maior · Ponte Areias

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

A Esmorga
Telheira · Ourense

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

A Formiga
Redondela

A Fouce do Ouro
Bertamiráns · Ames

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

O Guindastre
Xulián Estévez, Teis - Vigo

Henriqueta Outeiro
Quir. Palácios · Compostela

Média Leva
Amor Meilám · Lugo

SRCD Palestina
Rua do Ril · Burela

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Arc. Malvar · Ponte Vedra

A Revolta
Rua Real · Vigo

Setestrelo
Perez Viondi, 9 · Estrada

Som um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

ANÁLISE

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

Por um consumo mais consciente, prazenteiro e transformador

Toni Lodeiro, autor do livro e da web *Consumir menos, vivir mejor. Ideas prácticas para un consumo más consciente*, enceta com este artigo a sua secçom mensal no NOVAS DA GALIZA. Nela tentará achegar-nos reflexons, informaçons, ideias práticas e contactos que nos facilitem o caminho cara a umha vida que seja, ao mesmo tempo que mais saudável e prazenteira, mais solidária e ecológica.

TONI LODEIRO / O consumo responsável propom que tenhamos em conta os impactos sociais e ambientais dos "hábitos nossos de cada dia" (o nosso trabalho, como vestimos, comemos, nos movemos...). Animanos a "votar" escolhendo as opçons mais concordes com os nossos valores.

Graças a esta ideia, decatamo-nos de que nom avonda com opinarmos quando há eleiçons ou com assistirmos a umha manifestaçon por mês, quando dedicamos muitas horas dos nossos dias a –parafraseando Siniestro Total– "trabalhar para o inimigo". E empoderamo-nos ao, muitas vezes ao dia, escolher potenciando (e financiando) umhas maneiras de fazer, pessoas, empresas... e rejeitando outras.

Temos tanto poder? Fai sentido tanto esforço?

É certo que comprando leite de produçom ecológica ajudamos a que quem o produz poida viver disso, e fomentamos que exista mais pecuária respeitosa com o meio. Mas amiúde, toparmos esse leite ecológico é umha heroicidade, e quando damos com ele é num *supermercado*, embalado em *brik* e vendido por umha *multinacional* (um quase insuperável tripleto de nocividade).

As dificuldades acumulam-se: se quadra só encontro esse produto a 15 minutos da casa e nom me sobra o tempo, é mais caro e a minha companheira de apartamento nom está de acordo em comprá-lo, só há gordo e eu gasto meio-gordo... Outro exemplo: para que hei de apanhar o trem se tarda cinco vezes mais, e se toda a gente vai de aviom, que ainda por riba custa metade?

Nom devemos desviar a atençom, umha mudança geral só ocorrerá se formos capazes de obter mudanças legais e políticas que promovam umha nova cultura da produçom e do consumo. Políticas que fomentem a pequena empresa e o comércio local, a produçom ecológica, as embalagens retornáveis... e que proíbam ou gravem fortemente as práticas mais insustentáveis e insolidárias.

O prazer como motor: viver melhor com menos

Desde o "consumo responsável" estamos a fomentar muitas vezes –em geral subtil e inconscientemente– a escolha da opçom "boa" sob ameaça: de que se nom o figermos, sentiremos culpa ou medo, culpa de estarmos colaborando com a exploraçom no Sudeste Asiático ou a guerra do Iraque, e medo por nos estarmos alimentando com alimentos transgénicos, ou pola alteraçom climática que virá. Som eficazes as mensagens moralistas e alarmistas? Ou desmotivam a gente?, que já temos umha vida bem cheínha de problemas e preocupaçons para acrescentarmos mais "deveres" à lista, por muito que seja polo nobre (e inútil?) fim de "mudar o mundo".

E se mudamos lemas[1] inquisidores ("consomes ou devoras?", "é a tua responsabilidade") por sedutoras propostas ("liberta-te do consumismo", "vai por nós", "viver melhor com menos")? Se centramos a atençom nas possibilidades mais que nos perigos?.

Como decidim que nom preciso de trocar de coche, o aforro permite-me pedir meia jornada (ou um ano de licença) para ter tempo para mim (ou para a minha filha); botei contas e se renuncio à viagem ao Egipto e à tele de plasma, podo prescindir das horas extras; desde que descobrim essa tenda de produtos ecológicos sei a que sabem os tomates "de verdade" (ainda que nom os haja todo o ano); no bus tardo 15 minutos mais que no coche pero havia anos que nom dispunha de tanto tempo para ler...

Por um consumo consciente e transformador[2]

"Consciente" porque o de ser "responsável", sendo umha cousa boa, tem estado tam vencelhado à ideia de culpa... E conheço as minhas capacidades mas também os meus limites. E sei que há umha moreia de cousas que podo fazer para me cuidar e cuidar do planeta, mas também que há de ser um processo que me ajude a desfrutar mais e nom só umha listagem de "deveres". Sei ainda que preciso ademais de esperança, paciência, se nom me quero queimar no caminho, que nom se fijo Roma num dia. Que umha mudança ou duas por mês, nuns anos som-che muitas mudanças. E que mudar certos hábitos (comer mais verdura, levar a minha bolsa à compra, caminhar mais ou subir polas escadas) custa esforço no começo, ainda que logo as satisfaçons o compensem. E que está bem desfrutar esse chocolate que me fai

> Viver com menos pode ser um bom jeito de ganhar tempo para perder, desfrutar, cuidar-nos... Com as nossas escolhas podemos potenciar maneiras de fazer mais concordes com os nossos valores, mas umha transformaçom mais generalizada precisa também de mudanças legais, políticas...

minha avoa com todo o seu carinho ainda que nom use cacau de comércio justo, que lhe vou pedir...

E "transformador" porque a minha saúde e felicidade também dependem de poder ter vivenda a um preço acessível, respirar ar limpo, e de que o trabalho me deixe tempo para mim, e isso nom está só na minha mao. Mas sei que a mudança social é um processo lento que precisa de paciência e trabalho em comum, e ainda que sem ter em conta o consumo é impossível transformar a sociedade, por muito que teimemos umhas poucas em consumir menos e melhor nom se conseguem as mudanças legais e culturais de que precisamos. E sei que podo contagiar os meus valores a quem me rodeia, mas sei ainda que soltando mítins e importunando o mais provável é que consiga intransigência e rejeiçom.

(1) Os exemplos som lemas reais de campanhas.
(2) Trata-se mais de explicar que filosofia e caminho há por detrás da minha escolha duns termos do que de dizer que quem emprega outros comete os erros que critico no artigo e que eu nom o fago...

O artigo **foi escrito originalmente** em duas versons: em galego **para** NOVAS DA GALIZA (*www.novasgz.com*); e em castelám **para** *Ecohabitar* (*www.ecohabitar.org*). *Posteriormente à sua aparíçom em ambas as publicaçons,* **agradece-se a reproduçom total ou parcial citando a fonte original** (Novas ou Ecohabitar) **e reproduzindo esta citaçom** (mais info em: licença 3.0 Espanha da Creative Commons, *http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/es/deed.gl*).

A ilustraçom do artigo fai parte da campanha com o lema 'Allibera´t del consumisme. Pel consum responsable al nadal' (*www.rostolleverd.org/nadal/*), promovida por diversas entidades sociais de Manresa. Oriol: obrigado polos retoques.

Mudança cultural e radicalidade (bem entendida)

Nom falo de queimar contentores... mas de que entre o original e a cópia, para que trocar? O mais importante de nos ducharmos menos pode que nom seja aforrarmos água, produtos químicos (géis, champôs...) nem embalagens, nem sequer que seja melhor para a pele, mas reconciliarmo-nos com o nosso odor "natural" e decatarmo-nos de que aprendemos a rejeitá-lo porque as empresas de xabons, desodorizantes e perfumes nos ensinárom a fazê-lo para subirem as vendas.

Que muda quando compramos no Carrefour umha bandeja de poliexpan com 6 peras "eco" trazidas da Argentina? E quando trocamos o carro velho por um último modelo de baixo consumo? Trata-se mais que de escolhermos outras marcas ou procurarmos um selo, de mudarmos a nossa maneira de entender o mundo, de abrirmos as nossas portas...

O que me agrada da cooperativa de consumidoras e que boto umha hora fazendo a compra, saúda a este, enreda com a outra...; que às vezes organizamos conversas de temas que nos interessam, ou visitas, como no domingo que fomos aprender a fazer pam com o que no-lo traz e jantámos ali na sua casa. Também aprendim que em Fevereiro nom se dam os pimentos, e ainda alucino porque cada umha fai a soma do que leva e mete dinheiro na caixa sem ninguém a controlar...

Um mundo de possibilidades práticas

Há muitas, muitíssimas cousas que podemos fazer no nosso dia-a-dia. Amiúde só precisamos de algo de informaçom, ideias, exemplos... Por isso que nom seja:

- *www.consomesoudevoras.info* é, além dumha boa fonte de informaçom em galego, a melhor porta de entrada a contactos na Galiza: cooperativas e associaçons de consumidoras, feiras de Troco, pontos de venda de agricultura ecológica e comércio justo...
- *www.nodo50.org/consumirmenosvivir mejor* é a web em que podes descarregar o guia mais completo em termos de reflexom, informaçons práticas e contactos. "Consumir menos, vivir mejor" (Ed. Txalaparta) está *também disponível em bibliotecas e livrarias* (se nom o tenhem, pedem-no e chega logo nuns dias).
- *www.opcions.org*. A revista Opcións combina ser fácil de ler com ser a melhor fonte de informaçom de qualidade e reflexons lúcidas. Em papel por assinatura e debalde na web.
- *www.terra.org* é umha web mui amena cheínha de informaçons práticas de qualidade.

PALESTRA

Voto galego e de esquerda, GZ pola independência

MAURÍCIO CASTRO

A legenda escolhida para esta campanha sintetiza a proposta política de NÓS-Unidade Popular. Sabemos que o actual sistema tem graves carências que tornam muito difícil para umha força anticapitalista e independentista como a nossa atingir um resultado que permita abrir mais um campo de trabalho pola ruptura democrática de que a Galiza necessita.

Se algo ficou demonstrado na legislatura recém concluída, é que o PSOE e o BNG representam um continuísmo evidente em relaçom ao Partido Popular. Como Fraga, privatizárom serviços, mantivérom a política lingüística bilingüista que condena o galego à morte lenta e, mui claramente, favorecêrom os interesses empresariais e a espoliaçom do território.

As dificuldades objectivas colocadas polo sistema para quebrarmos o turnismo que muda de gestores para que nom mudem as políticas som enormes, sobretodo porque a elas se acrescentam as dificuldades autoimpostas por alguns sectores da esquerda soberanista, como se quigessem trabalhar contra aquilo que dizem representar.

Essa pesada lousa da fragmentaçom dificulta darmos concreçom, também no plano eleitoral, à proposta de emancipaçom que a esquerda independentista representa. A presença de duas candidaturas independentistas com programas semelhantes nestas eleiçons, como já aconteceu há quatro anos, é umha má notícia para quem nom aspira a fazer da militáncia umha espécie de posse sem aspiraçons reais de vitória. Por isso, além de apresentar um programa independentista, anticapitalista e de defesa dos direitos das mulheres, NÓS-Unidade Popular apresenta-se às eleiçons do 1 de Março afirmando que a sua intençom foi que houvesse umha única candidatura abrangente de todo o espaço da esquerda soberanista, e trabalhar para que a unidade seja possível no futuro.

Por todo o anterior, além do voto anti-sistema, o voto em NÓS-Unidade Popular representa um voto pola unidade dos e das que, luitando por umha Galiza soberana e socialista, aspiramos a unir forças num projecto que poda por fim responder aos desafios que Espanha e o capitalismo colocam ao futuro do projecto nacional galego.

A PRESENÇA DE DUAS CANDIDATURAS INDEPENDENTISTAS É UMHA MÁ NOTÍCIA PARA QUEM NOM ASPIRA A FAZER DA MILITÁNCIA UMHA ESPÉCIE DE POSSE SEM ASPIRAÇONS REAIS DE VITÓRIA. ALÉM DO VOTO ANTI-SISTEMA, O VOTO EM NÓS-UP REPRESENTA UM VOTO POLA UNIDADE DOS E DAS QUE, LUITANDO POR UMHA GALIZA SOBERANA E SOCIALISTA, ASPIRAMOS A UNIR FORÇAS NUM PROJECTO QUE PODA POR FIM RESPONDER AOS DESAFIOS QUE ESPANHA E O CAPITALISMO COLOCAM AO FUTURO DO PROJECTO NACIONAL GALEGO

Maurício Castro é porta-voz da Direcçom Nacional de NÓS-UP

A Frente Popular Galega nas eleiçons autonómicas

XOSÉ MANUEL GARCÍA CREGO

Há tempos que desde a FPG vimos dizendo que o povo galego é cada vez mais livre, que o caciquismo nom tem o poder absoluto que o caracterizava. Há mais informaçom, o sistema de vida está mais homogeneizado em todo o território nacional; a gente atreve-se a opinar sobre as cousas em voz alta.

Que seja mais livre, que tenha mais informaçom, nom quer dizer que seja livre e que esteja informado. Realmente, o elemento homogeneizador som os meios de comunicaçom social hegemónicos: as cadeias de televisom, a Cadena SER, os jornais, ou seja, aqueles que fam umha interpretaçom interesseira, imobilista da realidade.

Com a presença das listas da FPG nos colégios eleitorais pretende-se oferecer a possibilidade de exercer um voto cabal às pessoas que se consideram nacionalistas e de esquerda.

É-nos mui qüestionável que o Estatuto de Autonomia represente um avanço para o nosso autogoverno, mas o que nom tem dúvida é que vivemos nele; e o que vimos chamando parlamentinho, muito nom soluciona, mas é claro que algo pendentes do que ali se dita estamos; mesmo que seja por um poder delegado e outorgado das Cortes de Madrid.

Durante anos comprovou-se que este parlamentinho ou Parlamento do Hórreo estava eivado, que ali faltava algo, que ali nom estava a voz do povo trabalhador, que as ideias da esquerda nom tinham audiência.

Estamos na FPG empenhados num processo de reformulaçom da esquerda nacionalista. Que a FPG se apresente às eleiçons do 1º de março nom quer dizer que sejamos tam ousados de considerar que nós, sós, sejamos quem de mudar o nosso mundo. O que faremos, no entanto, é oferecer os nossos votos a esse processo que deverá conduzir a um reagrupamento frontista, partidário ou como se quiger, daquelas gentes comprometidas com umha sociedade de signo socialista, no quadro dumha Galiza por libertar.

Isto nom será possível à base de acordos pontuais, eleitoralistas, minoritários; nem pode vir marcado por urgências infantis. Movemonos na prudência: oportunidade teremos de ser audazes.

ESTAMOS NA FPG EMPENHADOS NA REFORMULAÇOM DA ESQUERDA NACIONALISTA. QUE A FPG SE APRESENTE NOM QUER DIZER QUE CONSIDEREMOS QUE SÓS SEJAMOS QUEM DE MUDAR O NOSSO MUNDO. OFERECEREMOS OS NOSSOS VOTOS A ESSE PROCESSO QUE DEVERÁ CONDUZIR A UM REAGRUPAMENTO DAQUELAS GENTES COMPROMETIDAS COM UMHA SOCIEDADE DE SIGNO SOCIALISTA, NO QUADRO DUMHA GALIZA POR LIBERTAR

Estabelecemos um horizonte progressivo para a mudança: municipais 2011; autonómicas 2013. No entanto, acumulemos forças, levantemos estruturas, defendamos o nosso: o território material, e o espiritual (a língua), apoiemos os movimentos sociais, deamos fundura e fundamento de classe aos nossos sindicatos, obreiros e agrários.

"Com a naçom, na esquerda". Tal é o lema eleitoral da FPG.

Xosé Manuel García Crego é membro do comité executivo e do comité central da FPG

Umha panca imprescindível

ALBERTE DURÁM

Em quatro anos mudárom os governantes mas nom o País nem o modelo económico, nem, desgraçadamente, a maior parte das políticas. Nom obstante, por fortes que sejam as tentativas do metabolismo do poder para deglutir o BNG, a teoria do "som todos iguais", tam grata para sectores à esquerda e à direita, nom corresponde à realidade, nem é um "voto útil" resignado – por mais que o argumento aumente em cada novo processo eleitoral a sua vigência a principal razom para votar no BNG.

Se bem a direcçom do Bloco aposta numha construçom nacional "de cima" e a partir da conciliaçom com o espanholismo – com significativas resistências internas - a configuraçom presente da fronte nom permite rematar este caminho. Ainda com todas as tachas, a divisória nacional bate de fronte com a situaçom real de que partimos: duas forças sistémicas, plenamente integradas no poder económico, hegemonizam com ampla maioria o mapa político e consubstanciam-se à perfeiçom no imaginário social dominante.

Umha presença nacionalista no Parlamento e no governo contribui decisivamente para avanços carregados dum valor estratégico no caminho da soberania. Esta impressom é confirmada pola virulenta reaçom –em especial dumha nova direita mais agressiva, que vem para ficar– contra todos eles: infantários públicos, promoçom internacional da nossa cultura, criaçom de selecçons desportivas, serviços de atençom ao bem-estar, umha política da habitaçom que atenda as necessidades das pessoas, etc... Ademais, a fronte conserva ainda as posiçons mais dignas de todo o arco parlamentar: oposiçom às soluçons oligárquicas da crise, denúncia do imperialismo revestido de humanitarismo, ou rejeiçom da configuraçom plutocrática europeia.

Além disso, a introduçom social da fronte dependeu estritamente da construçom de organizaçons próprias e da conflituosidade social, tácticas que ainda permanecem na retina militante apesar da absorçom do institucionalismo e as suas muitas hipotecas, e é assi que a fronte é especialmente sensível – nom por empatia inata, mas polos efeitos nas suas bases – a reivindicaçons sociais, e depende da força destas condicionar as

HÁ TEMPO QUE O BNG SE TRANSFORMOU NUMHA FERRAMENTA INSTITUCIONAL. MAS SERIA DUMHA PUERILIDADE INGÉNUA, NUM CAMPO QUE NOM É IRRELEVANTE EM ABSOLUTO, APRESENTAR A IMPACIÊNCIA COMO ARGUMENTO TEÓRICO, E NOM APROVEITAR AS PANCAS AO NOSSO ALCANCE PARA CONSTRUIRMOS FORÇAS ARREDOR DUMHA LINHA DE TENSOM AINDA BEM VIVA. NOM É A ÚNICA ALAVANCA, MAS É A QUE LEVANTARÁ MAIS PESO PARA O SOBERANISMO NO 1 DE MARÇO

políticas institucionais de forma decisiva.

Até o debate sobre o Estatuto poder ser utilizado para situar no centro do espaço público o modelo de País em que queremos viver, a começar polo reconhecimento do povo galego, mas também o modelo social e os direitos, ou o status oficial do galego.

Ainda que as e os soberanistas poidamos discrepar no grau de profundidade das medidas aplicadas – e indignar-nos legitimamente ante outras – a direcçom geral é inegavelmente favorável à conformaçom dumha maioria social autodeterminista, que nom pode nem deve beber só das contraditórias fontes institucionais.

Há tempo que o BNG se transformou numha ferramenta institucional. Mas seria dumha puerilidade ingénua, num campo que nom é irrelevante em absoluto, apresentar a própria impaciência como argumento teórico, e nom aproveitar as pancas ao nosso alcance para construirmos forças arredor dumha linha de tensom ainda bem viva. Nom é a única alavanca, mas é a que levantará mais peso para o soberanismo no 1 de março.

Desaprovarmos a confrontaçom entre independentistas

MARTA VARELA RODRIGUES

Quatro anos depois da chegada do BNG à Junta e umha vez certificada a rendiçom na frente de Anxo Quintana, nom podem ficar escusas convincentes para que as forças soberanistas nom articulem a alternativa eleitoral que a sua base social reclama. Som cada vez mais as pessoas que exigem a oportunidade de votar independentista e se nom lhes oferecem a solidez necessária que proporcionaria umha plataforma eleitoral unitária, serám também cada dia mais as pessoas comprometidas descontentes com a gestom dos dirigentes políticos de entidades encoradas que nom avançam por falta de altura de vistas.

Que nos oferecem as forças independentistas que se apresentam? Insultos e desqualificaçons. Um espectáculo lamentável em que as 'vanguardas' que só sabem olhar para os seus embigos pelejam por se disputar um ridículo número de votos. Desenganemo-nos: as pessoas que votam nestas organizaçons quando se enfrentam eleitoralmente som umha percentagem ínfima da base sociológica do independentismo. A maior parte desta só há optar polo voto quando considerar que dispom de umha opçom séria, seja ou nom para obter representaçom institucional. E entretanto, IU seguirá a obter rendimento do descontentamento existente.

Qualquer fórmula pode ser válida se serve para configurar umha candidatura que aglutine esta massa votante cada vez maior. Quando o movimento de centros sociais se afiança, quando a rede Galiza Nom Se Vende ratifica a sua capacidade de mobilizaçom massiva e quando o número de desconformes na base social do BNG se dispara, nom há mais opçom que configurar umha alternativa eleitoral.

Ainda depois do colapso das recentes tentativas de unidade de acçom soberanista no agir político, este factor nom pode ser a causa que justifique a inexistência de unidade perante as eleiçons. É mais, umha aliança táctica tecida com habilidade para as eleiçons poderia servir para que as frustraçons destas experiências alviscassem a sua superaçom. E nom se trata de buscar culpáveis. Cumpre expor a nossa rejeiçom à triste realidade de que duas organizaçons que representam sectores minoritários do soberanismo compitam

URGE A UNIDADE E URGE QUE A BASE SOCIAL O RECLAME INTRANSIGENTEMENTE. E NESTA LINHA, CONSIDERAMOS QUE O MELHOR QUE PODEMOS FAZER AGORA É CASTIGAR NÓS-UP E FPG ATRAVÉS DA NOSSA ABSTENÇOM CONSCIENTE OU DO VOTO NULO. QUE SAIBAM QUE DESAPROVAMOS A SUA ATITUDE E QUE SÓ APOIAREMOS UMHA OPÇOM SOBERANISTA QUANDO ESTA NOS REPRESENTAR O CONJUNTO DAS PESSOAS QUE ASPIRAMOS COM SINCERIDADE À LIVRE DETERMINAÇOM DO NOSSO PAÍS

entre si nas urnas quando mais falta fai canalizar a crescente oposiçom social.

Poderá-se dizer que falamos de obviedades, ou que a realidade nom permite a materializaçom do que propomos. Poderá-se, porém nom será isto o que nos reste razom. Urge a unidade e urge que a base social o reclame de forma intransigente. E nesta linha, consideramos que o melhor que podemos fazer agora é castigar Nós-UP e a FPG através da nossa abstençom consciente ou do voto nulo. Que saibam que desaprovamos a sua atitude e que só apoiaremos umha opçom soberanista quando esta nos representar o conjunto das pessoas que aspiramos sinceramente à livre determinaçom do nosso País.

Valor-de-emancipação e valor-de-voto

CARLOS CALVO VARELA

Há críticas à democracia eleitoralista que se focam na sua redução formalista; Žižek compara-a amiúde com o botão que há nos elevadores para fechar as portas: independentemente de que o botão seja premido ou não, a porta tarda o mesmo a fechar, é um simples efeito placebo que nos faz crer termos poder de intervenção. Outras críticas fazem análise histórica; como a de Luis Suárez, que fala da «pedagogia do milhão de mortos», consistente em massacrar a população cada vez que uma opção anti-capitalista chega ao poder através das urnas, até que aprendam que o deus Capital às vezes exige oferendas de sangue para continuar permitindo manter com vida o ritual de construção do consenso. De momento só uma nação está a esquivar esta lei histórica não escrita: Venezuela.

O problema não é menor quando a urna se converte num buraco negro, capaz de absorver toda a constelação de movimentos populares articulados nos últimos anos na Galiza; quando as luitas de emancipação são hipotecadas ao acréscimo de cifras abstratas nas tabelas dos resultados eleitorais. Não recorda então a luita emancipadora àquilo que Marx chamava «trabalho abstrato", um trabalho totalmente dissociado das necessidades reais – e dos valores éticos – que tão-só procura a criação tautológica de valor? A maquinaria eleitoral, tornada um fim em si própria, funciona já como uma fábrica de votos: «bote-lhe duas pazadas de campanhas pola língua na caldeira!", «retire uma de reivindicação nacional, que sobra temperatura!». Proponho um brinquedo marxista, reescrevendo e distorcendo um trecho onde Christian Höner explicava o que é o valor: «As *luitas* tornam-se idênticas e comparáveis apenas quando se faz abstração da sua natureza concreta. Já não se trata mais *da luita concreta contra o plano aquícola* ou do *direito à autodeterminação*, mas unicamente da energia *eleitoral* que foi despendida. Marx utilizou para descrever esse processo o termo "*militância* abstrata". A *militância* abstrata, de acordo com Marx, objetiva-se *no voto em urna* e cria o seu valor. Por conseguinte, para apreender o valor de *um voto* é necessário pôr de lado qualquer atributo concreto da *luita contra o plano aquícola*. O que se tem então nas mãos é uma pequena e bizarra porção abstrata de dispêndio de energia *eleitoral* humana.»

Piadas –que não o são– à parte, na atualidade, com a crescente espetacularização da rebeldia que só sabe capitalizar-se em função do número de fotografias, vídeos, e visitas aos site web (não parece a Internet o ópio parlamentar dos não-representados?), e a volta da cara boa de um capitalismo keynesiano que gosta de convidar as suas vítimas a participarem da reparação da sua maquinaria de extermínio, a suspeita ao eleitoralismo deveria reativar-se.

O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO NACIONAL E EM COORDENADAS ANTI-CAPITALISTAS RECOLHERÁ VOTOS QUANDO OS MERECER. HÁ QUE FUGIR DESSA MONOCULTURA ELEITORAL, QUE SEM SE TRADUZIR EM NADA TAMPOUCO AVANÇA NA PREPARAÇÃO DAS TERRAS

É importante também não cair no vício de fazer da necessidade virtude, e fazer passar por pureza moral a miséria eleitoral do independentismo galego. A representação parlamentar é simplesmente uma peça mais numa luita em que não há, como já dissemos, Palácios de Inverno; uma peça nem especialmente sagrada nem especialmente repugnante. O que há que calcular bem é a importância que pode ter em cada momento: a exibição de um purismo abstencionista que de boa gana seria abandonado noutras condições (como diz o conto, o ladrão só se sabe que o é quando tem ocasião de roubar) pode parecer hipócrita; por outra parte, uma militância eleitoralista é bulímica, engasga-se cada quatro anos a cola e cartazes que não deixarão nenhum efeito o dia após a votação para lá de méritos para a promoção intragrupal. Um trabalho quotidiano de construção nacional e em coordenadas anti-capitalistas já recolherá votos quando os merecer. Há que fugir dessa monocultura eleitoral, intensiva e extenuante, que sem se traduzir em nada tampouco avança na preparação das terras. Não há que permitir que o *valor-de-voto* domine o *valor-de-emancipação*.

NOVAS DA GALIZA
15 de Fevereiro a 15 de Março de 2009

ANÁLISE

Centenas de pessoas figérom frente ao espanholismo lingüístico mais xenófobo

A defesa da língua juntou no passado dia 8 de Fevereiro pessoas vindas de todo o País na capital galega, respondendo à convocatória de numerosos colectivos sociais e políticos unidos numha causa comum: dizer bem alto que erradicar o galego nom vai ser assim tam fácil. A polícia fijo o seu trabalho com contundência, mas nem assim conseguiu que Galicia Bilingüe caminhasse cómoda por Compostela. 'Ridiculistas' por um lado e activistas 'mais clássicos' por outro apareciam em cada rua mostrando a sua indignaçom. As agressons dos extremistas e as constantes cargas policiais nom conseguiam impedir que, na seguinte esquina, aparecesse outro grupo de galeguistas a denunciar o desembarco 'orangista'.

A manifestaçom de Galicia Bilingüe tivo que ser fortemente escoltada em todo momento por 'antidistúribios' / GZI

RAIMUNDO SERANTES / Os problemas da concentraçom de Galicia Bilingüe começavam à mesma hora em que tinha sido convocada a manifestaçom. Um grupo de 40 pessoas, convocadas polo chamado 'movimento ridiculista' eram rodeadas por mais de 20 antidistúrbios (chegados da Andaluzia) quando avançavam em direcçom à marcha espanholista vestidos com todo o tipo de vestes ridicularizadoras do acervo mais espanhol. 'Menos gallego, más religión', berravam, enquanto eram increpados por alguns ultradireitistas, que, gritando 'fuera, fuera!', eram respondidos pola marcha retranqueira: 'No se dice *fuera*, se dice *había sido*'. Mas os polícias de choque nom tardárom em dividir-se pola metade, assim que notárom que na cabeceira da manifestaçom cresciam os focos de indignaçom contra a manifestaçom pró-espanhol. Depois de baterem nalgum ridiculista, saírom a correr para o lugar onde dous activistas vestidos de vaca pretendiam obter de Gloria Lago umhas declaraçons a favor do galego como língua do gado vacum. Mesmo a seguir, surgiam por toda a parte, inclusive de entre os manifestantes 'bilíngües', berros como 'Na Galiza, em Galego' e um grupo considerável de pessoas segurava cartazes com a palavra de ordem: 'Bilingüismo é espanholismo'. Começava a caçada e as detençons. A polícia batia com sanha em qualquer pessoa que levantasse a voz em prol do galego, aguilhoada por elementos da extrema-direita que pediam mais 'lenha' ou 'al mar, como en Chile'. Os numerosos testemunhos audiovisuais do acontecido nom deixam lugar a dúvidas da paixom com que a polícia fijo o seu trabalho nem da incontinência verbal de muitos manifestantes 'bilíngües'. Nesse mesmo cenário, as cámaras recolhiam a brutal agressom contra um conhecido político compostelano, que caía várias vezes ao chao antes de ser detido e dias depois aparecia visivelmente magoado em conferência de imprensa. Mas as agressons nom iriam ficar sem resposta. O recuo inicial de centenas de jovens para a rua da Senra iria dar origem a umha verdadeira batalha campal que atrasou em mais de meia hora o começo da marcha e que fijo desistir de participar na manifestaçom muitos 'bilíngües'. A polícia respondia com bolas de borracha às inúmeras garrafas que os partidários do galego lhes atiravam. Os confrontos estendiam-se entom à zona velha de Compostela, por onde a extrema-direita avançava entre o barulho de vidros partidos, disparos policiais e berros de espontáneos que os acusavam de 'hipócritas'. Entretanto, outro grupo de activistas estendia umha faixa que dizia '8-F Dia Intenacional do Parvo', que acabaria também debaixo dos cacetes policiais. Já nas Pratarias e na Quitá dos Mortos, onde finalizaria a marcha, a polícia tivo que trabalhar arreu para desobstruir o caminho à manifestaçom que custodiou em todo o transcurso. Os 'bilíngües' encontrárom o palco visivelmente afectado quando se dispugérom na praça de forma a parecer cheia para os meios de comunicaçom. Porém, as fotos tiradas da parte de trás delatavam o seu escasso poder de convocatória (cerca de 2.000 pessoas), apesar de terem chegado 20 autocarros de diversas zonas de Espanha (só 12 de Madrid), entre eles um fretado pola Falange Espanhola.

> A polícia batia com sanha em qualquera que levantasse a voz em prol do galego, aguilhoada por elementos da extrema-direita que pediam mais 'lenha' ou 'al mar, como en Chile'. Os testemunhos audiovisuais do acontecido nom deixam lugar a dúvidas sobre a brutalidade policial

11 detidos em liberdade sob acusaçom

Os dez activistas detidos durante os protestos fôrom saindo em liberdade sob acusaçom no dia seguinte, denunciando o trato degradante recebido na esquadra policial. Outro moço, R. C., era prendido dous dias depois, tendo-lhe sido imputados os mesmos 'cargos' que aos companheiros. Entre as acusaçons formuladas aos militantes pró-galego figuram a de "agressom", "atentado contra agente da autoridade", "danos" e "desordens públicas". As manifestaçons contra as detençons juntárom centenas de pessoas em Vigo e Compostela.

Responder ou nom?

O debate sobre a pertinência da mobilizaçom contra Galicia Bilíngüe monopolizou os fóruns digitais de muitos meios de comunicaçom galegos, com favoráveis a ignorar ou responder à afronta. As presenças na manifestaçom (falangistas, Rosa Díez, destacados líderes do PP...) fazia com que muitos vissem a resposta como a atitude mais lógica das possíveis. Por trás de cada reflexom entrevia-se, porém, outra pregunta: Pode realmente a irrupçom de Galicia Bilingüe acelerar o processo de substituiçom da língua galega polo espanhol? Ainda que seja evidente que o sucesso mediático actual de GB depende de contingências políticas concretas (a pugna entre o PP e Rosa Díez polo eleitorado mais conservador), é preocupante verificar que a direita mais extrema está disposta a se organizar para entorpecer qualquer programa normalizador que se implementar a partir de agora, ainda cabendo a possibilidade de o percurso destas siglas concretas ser efémero. Neste

A proposta de obviar as manifestaçons espanholistas poderia ser útil para restar protagonismo a GB no seu dia grande, mas a médio prazo deixaria em evidência a defesa do galego, a única desactivada na rua para regozijo de espanholistas

sentido, o facto de que haja jovens dispostos a contestar na rua os excessos destes colectivos, com bom ou mau génio, poderá ser vital para o idioma. A proposta de obviar as manifestaçons espanholistas, defendida por alguns grupos normalizadores ligados ao nacionalismo institucional, poderia ser útil para restar algum protagonismo a GB no seu dia grande, mas a médio prazo deixaria em evidência a defesa do galego, a única desactivada na rua para regozijo de espanholistas e legisladores.

Segregaçom no ensino: problema e soluçom

Por outro lado, paradoxalmente, GB está a servir para pôr em cima da mesa dous assuntos de importância fulcral neste debate: o ensino e a fraqueza do galego nas camadas jovens da populaçom e nos núcleos urbanos. Quanto ao segundo, GB, apesar do nome do colectivo, nom anda com demasiadas voltas e dificilmente pode ser acusada de hipocrisia: o galego é, para eles, a língua que os jovens já nom falam, polo menos nos sítios onde o colectivo viguês tem mais simpatias, e carece de sentido forçar a sua normalizaçom. A crueza destas afirmaçons deixa em evidência a política lingüística de quase 30 anos de "normalizaçom" e deveria fazer reflectir os que acusavam de alarmismo os sectores que pediam passos mais severos em prol da língua. O outro assunto daria para um profundo debate que o mundo normalizador ainda nom quijo dar. A convivência com o espanhol no ensino conseguiu fazer com que dezenas de milhares de jovens abandonassem a língua nas últimas décadas enquanto o movimento normalizador olhava, preguiçoso, para o lado. Só o reintegracionismo insistiu em numerosas ocasions na necessidade de de centros de ensino monolígües para os pais que desejassem educaçom integral em galego (embora poliglota) para os seus filhos. Afinal, foi o espanholismo a adiantar-se, pedindo para o espanhol o que o nacionalismo nunca se atreveu a pedir para o galego.

Participárom na marcha oficial numerosas pessoas vindas de fora da Galiza / GZI

O domingo à tarde realizou-se umha concentraçom polos detidos / SOLE REI

A polícia espanhola realizou também detençons na intervençom ridiculista / GZI

O humor foi mais umha ferramenta de resposta na Alameda compostelá / SOLE REI

Decenas de encarapuzados obrigárom a deter a marcha em várias ocasions / ARQUIVO NGZ

As malheiras e as detençons sucedérom-se ao longo dos tensos protestos contra a considerada provocaçom de Galicia Bilingüe / GZI - SOLE REI

CULTURA

ENTREVISTAMOS ALBERTO GRANJA, SECRETÁRIO DA ASSOCIAÇOM CULTURAL 'O NARANXO'

“Lalim é território seqüestrado para a cultura galega”

HELENA IRÍMIA / Manuel González Ferradás, mais conhecido como *O Naranxo,* é umha personagem que forma parte da cultura popular de Lalim, município em que viveu entre 1879 e 1945. Como homenagem à sua figura e à literatura de transmissom oral, em 1986 constituiu-se na capital do Deça a associaçom do mesmo nome e que tem por missom promover, fomentar e desenvolver, dentro do ámbito da comarca do Deça, actividades culturais, artísticas e desportivas, segundo explicam no sítio web *http://onaranxo.org*. Do NOVAS DA GALIZA entrevistamos o seu secretário, Alberto Granja, para conhecermos mais de perto a sua realidade.

Manuel González Ferradás, mais conhecido como 'O Naranxo', é o personagem da cultura popular lalinense que dá nome a esta associaçom

Quando e porque nasceu a associaçom?
Constituímos a associaçom em 1986, seguindo a estela do associacionismo que naquela altura movia a gente com inquietaçons, sobretudo no que tem a ver com a língua e a cultura popular. Queríamos fazer cousas e assim foi que decidimos criar O Naranxo.

Actualmene, quantas pessoas associadas há?
Ainda que chegamos a ser 230 nos melhores tempos, actualmente o número de sócios e sócias activas que trabalhamos habitualmente somos por volta de 30, mais ou menos na linha da maior parte das associaçons culturais de este País.

Com quanta freqüência vos reunides?
Segundo o vamos considerando necessário. Nom temos datas de reuniom prefixadas, sobretudo porque há vários associados que estám a estudar em Compostela ou Vigo. Porém, procuramos, no mínimo, reunirmo-nos umha vez por mês.

Contades com um local próprio?
Nom, e tampouco existe nennhum espaço público em que poidamos reunir-nos, polo que temos de recorrer a bares ou casas particulares. Precisamente esta é umha das carências que mais vezes temos denunciado perante a Cámara municipal, é umha vergonha que umha vila como Lalim nom conte com nenhum local decente para o movimento associativo, pois os poucos espaços que há som mui precários.

Que tipo de actividades realizades?
Ao que damos mais importância é à língua e às festas autóctones. Também às investigaçons sobre a memória histórica, o património arqueológico e também o ambientalismo, sendo referentes na comarca, nestes dous últimos aspectos, pessoas da associaçom. O Naranxo está aberto a todas as pessoas que quigerem fazer cousas. Por outra parte, estamos especialmente orgulhosos da Algarabia, umha festa anual que organiza a associaçom e que já atingiu 24 ediçons. Baseia-se no princípio da participaçom espontánea acima do que seria umha planificaçom convencional. Numha assembleia aberta falamos de conteúdos, sim, mas depois estes desenvolvem-se de umha maneira nom programada, geralmente a modo de exposiçons ou exibiçons, e já as temos feito de pintura, de poesia, de jogos tradicionais... e, também, costumamos ceder um lugar para grupos de música que estám fora dos circuítos comerciais. E todo isto sem qualquer subvençom, o mais que fazemos é passar a pucha para que contribua quem quiger.

Falavas de que a Cámara nom conta com espaços decentes para as associaçons... além disso, como é em geral o relacionamento com a Cámara?
A Cámara nom quer relacionamentos, especialmente se se tratar de algo como O Naranxo, algo que nom podem controlar e usar como caixa de resonáncia da sua propaganda. Lalim é, neste sentido, território seqüestrado, e se te moves nom sais na foto.

Falta de cultura democrática por parte dos dirigentes?
Esse é um conceito que nom lhes entra na cabeça. Ainda, pensam que com programarem quatro cousas apoiadas por empresas como Caixanova já chega. Nom entendem que promover a cultura nom é isso, mas apoiar a gente para se poder exprimir com liberdade.

Como valorizas a situaçom do associacionismo deçao?
Cuido que mais ou menos está como no resto do País, talvez um pouco decaído, mas por sorte há gente nova muito mais envolvida que anos atrás, com mais ilusom e ganas de fazer cousas.

Por último, Alberto, como podem colaborar com O Naranxo as pessoas interessadas?
Qualquer pessoa de Lalim que queira colaborar só tem de nos enviar umha mensagem electrónica para onaranxo@onaranxo.org dizendo quando quer combinar connosco. Mais fácil, impossível.

MÚSICA

PROJECTO TREPIA

Três pés e sanfonas eléctricas

A. LEIRAS / Som um grupo de moços e moças de Ponte Vedra procedentes da música tradicional, do baile e do canto, que se juntárom há uns meses para concorrerem no certame GZCrea; e ganhárom na categoria de música, ficando segundos na de videocriaçom. O que pretendiam era dar um outro ar inovador à música de sempre, pondo-lhe outros dous pés para facerem três: o baile e mais a imagem. Projecto Trepia trabalha recolhendo sons tradicionais e enchufando samplers, baixos, baterias electrónicas e efeitos vários, que se unem ao pandeiro de mao, aos sachos, *-leghons-* às caixas de pimentom ou à sanfona, e às voces dos seus integrantes. Com influências como Ecléctica Ensemble, Mercedes Peón, Galandum Galundaina; Björk, Aphex Twin, Matthew Herbert, Bonovo ou “pandereiteiras das de verdade”, vam além da música e introducem o audiovisual. Pola rede levam meses circulando algumhas acçons a modo de performance que protagonizárom, em espaços como a rua ou o mercado de abastos de Ponte Vedra, onde fôrom recebidos de maravilha e convidados a actuarem mais vezes. A ideia é saír aos espaços públicos e achegar a sua própria cultura à sociedade contemporánea; aquela cultura que existe fora das bandas de gaitas com estranhos toques de tambor a fazerem figuras no ar, ou das saias longas até os pés, e os postiços nos cabelos. Trabalham na recolhida de campo juntando um material que querem pôr ao serviço da expressom cultural. Acabam de editar o seu primeiro cd, -contém seis cançons e pode-se descarregar de graça em *A Regueifa Plataforma* ou escoitarse no seu *MySpace-*, um dos primeiros destacáveis deste ano, mas tenhem as miras postas na possibilidade de se constituirem como associaçom, umha estrutura que lhes permitiria desenvolverem todos os seus projectos.

LÍNGUA NACIONAL

A Sombra e a Máscara

VALENTIM R. FAGIM

A maioria das psicoterapias tenhem como alvo tirar a **máscara** que oferecemos aos demais. Debaixo está a **sombra** que ocultamos dia sim, dia também. Como lidar com sombras não é assim muito grato, a vida social acaba por ser um espetacular baile de máscaras.

No dia 8 de Fevereiro houvo uma manifestaçom a favor do bilinguismo e da liberdade. E, claro... quem pode ser contra a liberdade? Pronto, é uma mascara, dirá alguém. Pois é, mas na comunicaçom social conta mais o "parece" que o "é".

Portanto, o esquema passa a ser: e como tiramos a máscara a este pessoal? Como fazemos para que toda a malta veja a sua sombra?

Como sabemos, em frente do desfile houvo duas estratégias e duas atitudes. Uma foi a da **pró** e a outra foi a da **contra**. Esta última, **a contra,** foi fiel à palavra e optou por responder às expetativas participando no baile.

A outra estratégia foi a da **pró,** e foi pró, porque foram apoiar a manifestaçom polo bilinguismo e pola liberdade. E até foram além, porque com os seus cantos desinibidos chegaram aonde os outros não se atreviam. Enfim, a sombra. O mais curioso de tudo o que se passou nesse dia, é que o ridiculismo, indo mascarado, era, entre tantas pessoas, se calhar o menos carnavalesco.

ENTRELINHAS

'É o que dá fazer misturas', ou a relaçom entre a arte e o compromisso social

H. CARVALHO / O artista pontevedrês Augusto Fontám lançou recentemente um vídeo de criaçom que contrapom a obra e a personalidade de Laxeiro com a de umha série de artistas que consideram que entre a lenda - o formoso- e a realidade actual - o desprezível- nom existem diferenças, onde só ficam "os excrementos da decepçom que provocam fados". Protagonizada polo actor Miro Magarinhos e com um interessante elenco de actores, actrizes e colaboraçons 'É o que dá fazer misturas, ou a emergência de umha sociedade desprezível' retrata a vida de umha menina que sente a sua vocaçom artística desde criança e enfrenta os seus desejos à realidade das injustiças do sistema. É filha do diabo, "o primeiro transgressor da história" conforme indicam na apresentaçom do filme, e "como tal transgressora manifesta-se num grupo de artistas pontevedreses contra o academicismo dogmático e alienante". O diabo prepara a criaçom de um audiovisual que execute a sua filha, para o que busca apoios em artistas opostos ao sistema em volta à lenda de umha sereia.

Esta produçom realizada por 'Pé de Vento' para 'Edicións O Gato da Moureira' e realizada e escrita por Augusto Fontám manifesta a pretensom de converter-se num "fado posto em imagens". Para a sua contrataçom fornecem o telefone de contacto 635649423 e anunciam que os benefícios económicos irám destinados à causa soberanista.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

A crise e a nova ordem entre os casais

BEATRIZ SANTOS

Todo aponta que durante a crise económica vai diminuir significativamente o número de separaçons e divórcios. "Talvez os casais sejam um fiel espelho em que se reflicte a angústia que o capitalismo achega à sociedade" diriam Finkielkraut & Bruckner en *A nova desordem amorosa* (1979) onde também afirmavam que "quanto mais hostil é a sociedade, mais necessário é o conceito casal para os indivíduos; mui longe de desagregar-se, reforça a dureza das relaçons".

Mas, se calhar na actualidade há mais razons que afiançam os casais para além de aquelas puramente económicas. Ou nom se está a apontalar umha nova ordem social que reforça valores que vinham brotando tempo atrás?

"O disponher de dinheiro próprio tem sido fundamental para as mulheres, define hoje um quarto do seu..." mas "...o dinheiro, a acumulaçom pessoal de um património e a capacidade de incrementar o consumo determinam as relaçons de poder entre as pessoas, a relaçom de acumulaçom, a autoestima. Nom é, entom, o dinheiro umha forma em que as mulheres compensam a perda de muitas outras dimensons?" pergunta Manuel Castells a Marina Subirats em *Mulheres e homens. Um Amor impossível?* (2007).

Cabe preguntar-se que dimensons som essas e como influem à hora das separaçons e dos divórcios. Nom estaria de mais indagar acerca dos novos quartos próprios das mulheres; acerca da influência na convivência do casal (de qualquer opçom de casal), do questionamento da antiga masculinidade, da apariçom de novas maneiras de ser homem.

Em termos sexológicos umha máxima di "a mais poder menos desejo". Talvez se esteja a escolher o segundo em detrimento do primeiro. A partir da escolha do próprio casal além das rijas normas de antanho, talvez comecemos a levar-nos melhor com a vulnerabilidade, a aceitarmos e respeitarmos os desejos.

Claro que nom há que esquecer que nem todas os casais que se separam deixam de sê-lo e, que nem todos os que continuam a conviver som um casal. Mas isto nom parece novo.

CINEMA PARA PENSAR

"O escafandro e a borboleta"

E TRAFICANTE / Este filme mostrar-nos umha liçom de vida espantosa. Vemos até onde é capaz de chegar o ser humano para comunicar-se e exprimir os seus sentimentos e vivências. Podemos pensar em que é mais um filme sobre discapacitados, mas longe de caminhos já trilhados, resulta original, emocionante e exemplarizante. Confesso que comecei a vê-lo com certa prevençom, mas conseguiu cativar-me e, afinal, até se me fijo curto. É um filme francês do realizador Julian Schnabel feito em 2008 e que aseado no livro do mesmo título e que já foi publicado na nossa língua há alguns anos. Trata da história real de Jean-Dominique Bauby, homem que trabalhava na revista francesa Elle como redactor-chefe e que em 1995, quando tinha 45 anos, tivo um ataque cerebral que o deixou absolutamente paralisado. O único que podia mover era a pálpebra do seu olho esquerdo, e será essa pálpebra e esse movimento o que lhe permita comunicar-se com o mundo, tanto para ver, ouvir e sentir, como para ele poder exprimir as suas mensagens e sentimentos e, como máxima proeza, escrever um livro. Apesar de ter um corpo que só lhe servia como prisom, tentará superar esse sofrimento extremo com um optimismo e imaginaçom incríveis, imaginaçom que lhe permitiu viajar mentalmente a países exóticos, ou viver situaçons prazenteiras bem longe da sua situaçom real.

O realizador escolhe com bom critério umha cámara subjectiva que nos fai olhar o mundo do ponto de vista do protagonista. O escafandro é metáfora do corpo e a borboleta da imaginaçom. Além disso o filme fai um uso magistral da cámara para transmitir-nos os diferentes estados de ánimo e sensaçons do protagonista. Outro ponto interessante é o de mostrar como nestas situaçons extremas é quando conhecemos de verdade as pessoas que estám ao nosso arredor. Esta obra também nos conscientiza da pouca consideraçom e empatia que às vezes temos com as pessoas discapacitadas, sem estarmos muitas vezes atentos a actos ou conversas que podem ser dolorosas ou molestas para estas pessoas. A história vale a pena esteticamente, eticamente e narrativamente. Para todas aquelas pessoas que procurem um filme diferente, de qualidade e que nom aborreça polas suas pretensons pseudo-intelectuais, este é um bom exemplo.

DESPORTOS

Liga nacional de Bilharda

Imagens do encontro solidário de Compostela, no pavilhom das Fontinhas. A competiçom continua o dia 8 de Março em Ourense, com o Aberto da Bilharda All Stars organizado pola LNB e Siareiros/as Galegos/as. A cita, no estádio do Couto

AS ROLDAS FINAIS DESEMBOCÁROM NUMHA ESPECTACULAR FINAL NORTE-SUL. A PISTA COMPLETA, O PAVILHOM CHEIO E AS OLHADAS CHANTADAS NESTES PALANADORES. A VITÓRIA FOI PARA UM PLETÓRICO GINÊS QUE FAZIA PLENO CONSEGUINDO O SEGUNDO TÍTULO EM ABERTOS NACIONAIS DA TEMPORADA

'Aberto solidário de Compostela', nom estivemos todos e todas, faltárom as pessoas detidas!

XERMÁN VILUBA / *Nom estamos todos, faltam os detidos!!* Nom estamos todas, faltam as detidas!! Esse era o sentimento unánime no Aberto de Solidaridade com a Palestina e com os e as Retaliadas, cada golpe da bilharda contra o palám transmitia apoio aos companheiros e companheiras detidas. O tránsito de novas acompanhanva cada pessoa que chegava ao Pavilhom de Fontinhas onde se estava a desputar o Aberto desde as 16 h. O sentimento de raiva massivo fijo que os copos de apoio aos companheiros e companheiras de Almuinha se foram enchendo de moedas para arrebolar os 10.000 cêntimos da vergonha na Cámara de Marim, venda massiva de **Bilhardas-Solidárias** feitas por Santi que, segundo as novas que nos iam chegando, estava entre os detidos junto com outros militantes da LNB. Nesta altura da tarde, a pista de Fontinhas estava já minada de Bilhardas-Solidárias para mostrar umha magistral gestom desportiva. Com a implicaçom das 3 conferências baixo a coordenaçom a pista dupla, sempre perfeita, do sul, fôrom-se estabelecendo os emparelhamentos das roldas finais que desembocárom numha espectacular final norte-sul entre ***Ginês e Moisês.*** A pista completa, o pavilhom cheio e os focos e as olhadas chantadas nestes dous palanadores que oferecêrom um dasenlace final ao melhor de três carreiras.

O empate a 1 e a morte súpeta colocárom no mais alto o ***Ginês,*** dos potentes Remourelle Bulls, que depois de vencer um ***Moisés dos Culombios*** mui acertado e que demonstrou rendir a um nível impressionate ameaçando até o último momento com levar o título deste Aberto Solidário. Mas finalmente a vitória foi para um pletórico Ginês que fazia pleno conseguindo o segundo título em Abertos de convocatória nacional da temporada e que já ameaça com um possível Hat Trick no ***Aberto do All Stars 2009 de Ourense.***

DEMOSTRAMOS UMHA VEZ MAIS QUE SOMOS CAPAZES DE FAZÊ-LO. NOM TEMEMOS AS BOMBAS EM GAZA NEM OS ATAQUES DO BILINGÜISMO EM COMPOSTELA PORQUE PALESTINA VENCERÁ, E NÓS TAMBÉM

Umha vez mais há que felicitar em primeiro lugar toda a gente do **NOVAS DA GALIZA,** companheiros de viagem sem os quais nunca teria sido possível este aberto nem muitos outros, a ***Gentalha do Pichel*** que também colaborou para que esta jornada tivesse saido adiante esquivando as minas no caminho que ameaçavam com fazer saltar todo polo ar em qualquer momento. Com a realizaçom deste Aberto Solidário com a Palestina e com os e as retaliadas demostramos umha vez mais e, o que é mais importante, demostramo-nos a nós mesmos que somos capazes de fazê-lo. Nom tememos as bombas em Gaza nem os ataques do bilingüismo em Compostela porque *Palestina vencerá e nós também.* Atentos e atentas à serpente multicor porque vai continuar reptando, e o dia 8 de Março em Ourense será o ***Aberto da Bilharda All Stars*** organizado pola **LNB e Siareiros/as Galegos/as.** *Vemo-nos no Couto!!*

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607

NOVAS DA GALIZA

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 35 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ___€
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 € ☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €

Nome e Apelidos _____ Telefone _____
Endereço _____ C.P. _____
Localidade _____ E-mail _____

☐ Nº Conta _____
☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

Luzes e sombras no atletismo popular galego

ISAAC LOURIDO / Se houvo umha disciplina atlética em que a Galiza destacasse historicamente essa foi a das corridas de fundo. Nom faltam gestas para desenhar a cartografia simbólica do fundo galego, talvez iniciada nas vitórias de Carlos Pérez e Javier Álvarez Salgado nas décadas de 60 e 70, e continuada no Campeonato Estatal de Cross de 1993, onde Carlos Adán, Alexandre Gómez e Carlos de la Torre copárom as três primeiras posiçons vestindo a camisola da selecçom galega. Grandes façanhas posteriores fôrom o quarto posto de Xulia Vaquero no Campeonato Mundial de Cross de 1997, ou a estreia de Gómez na maratona (Rotterdam, 1997), com a melhor marca da história para um debutante naquela altura (2h. 7min. 54 seg.).

A grande maioria das corridas populares dependem de organizaçons voluntaristas e amadoras, obrigadas a petar na porta do privado e do público, directamente ligadas ao movimento vizinhal e, por isso, revestidas de toda dignidade

As competiçons de fundo em estrada som dos poucos eventos desportivos que oferecem a possibilidade de congregar o sector de elite e o popular, o profissional e o amador. E fai-se assim, de forma cúmplice e descomplexada, todos os fim-de-semana do ano nos mais diversos pontos da nossa geografia. Concorrem neles a continuaçom da brilhante tradiçom histórica, a ilusom e o jogo que fornecem as crianças e as melhores promessas, o contacto directo com a natureza e o conhecimento do País no caso das provas de montanha, e a emergente potencialidade do atletismo popular associado ao lazer saudável e acessível (importando, com certeza, o que desde o mundo anglosaxom se nos está a vender como *footing* ou *jogging*).

O leitor bem intencionado e pouco familiarizado com o atletismo popular poderia prever, talvez, umha correspondência institucional acorde com tam sólidos e sugestivos cimentos para a planificaçom cultural e desportiva. Nada mais longe da realidade. A grande maioria das corridas populares da Galiza dependem de organizaçons voluntaristas e amadoras, obrigadas a petar na porta do privado e do público para as despesas, directamente ligadas ao movimento vizinhal e, por isso mesmo, revestidas de toda dignidade. Poderia fazer-se um símil com as comissons de festas. Com todas as suas vantagens e com todos os seus limites. Um dado significativo: no território da CAG apenas se organizam duas maratonas com distância oficial (42,195 km), a do Minho (Tui) e a do Baixo-Minho (Ourense), ambas com umha baixa participaçom.

As principais eivas do atletismo popular localizam-se na ausência de um apoio institucional decisivo e na carência de grandes eventos que sirvam como referente no desporto galego; no mínimo, duas ou três grandes competiçons em que se reunam o melhor do nosso atletismo, os incentivos suficientes para os atletas foráneos, todas as pessoas que praticam atletismo na Galiza e, finalmente e sobretodo,

> HÁ QUE DEMANDAR O IMPULSO DO ATLETISMO COM INVESTIMENTO PROPORCIONAL AO DOS PRODUTOS ESTELARES DA CONSELHARIA COMO A EQUIPA CICLISTA OU AS SELECÇONS NOS DESPORTOS DE MASSAS

quem quiger calçar as sapatilhas e fazer desporto aquele dia. Assim funcionam milheiros de corridas em todo o mundo, e nom faltam exemplos nas naçons vizinhas que constituem referentes multitudinários de festa, lazer e desporto e que atraem para as suas cidades um bom número de desportistas que chegam de outras localidades: a Behobia-Donostia (14.000 participantes) e a Maratona de Donostia (3.000), a Maratona Popular de Madrid (13.000) e a Sam Silvestre Vallecana (25.000), a Meia Maratona de Lisboa (5.000) ou a Cursa dels Bombers em Barcelona (15.000).

Já que nem sempre para os organismos públicos, as imensas possibilidades do atletismo popular como espaço para a intervençom social nom passárom desapercebidas para o sector privado, quem mais decisivamente apostou neste ámbito, transformando o desporto em propaganda e os desportistas e as desportistas em clientes à força. Por exemplo, a firma americana Nike oculta todo o labor dos mais de 3.000 voluntários e voluntárias envolvidas na organizaçom da Sam Silvestre Vallecana. E assim também El Correo Gallego organiza nas ruas de Compostela a sua grande operaçom publicitária anual o último domingo de Outubro. O emergente modelo das "corridas solidárias" fornece produtos como o patrocinado por Óscar Pereiro o passado mês de Dezembro em Mos, onde ele próprio foi o principal beneficiado (publicitária e simbolicamente) do evento, antes do que o centro para o que se destinavam as quotas de inscriçom.

Cumpre, entom, exigir às instituiçons públicas (no mínimo, as associadas nos níveis local, provincial e nacional, a Cultura, Desporto, Mocidade e Educaçom) o investimento suficiente para conseguir criar/reforçar umha viçosa rede de corridas populares em que o conjunto da populaçom se poda inserir e de cujos benefícios (sociais, para a saúde, comunitários) seja também a receptora. Também aqui há bons exemplos no passado e no presente do atletismo galego, como o extinto Circuito de corridas populares da Deputaçom da Corunha, o Circuito de corridas Corre com Nós (organizado pola Cámara de Lugo e apoiado por empresas privadas) ou a Sam Silvestre nom competitiva organizada polas cámaras municipais de Ares e Mugardos.

É necessário demandar, aliás, o impulso de referentes de relevância internacional nas distáncias dos dez quilómetros, a meia maratona e a maratona, com investimento proporcional ao realizado em produtos estelares da Conselharia de Ánxela Bugallo como a equipa ciclista do Xacobeo-Galicia ou as selecçons nacionais nos desportos de massas. Boas provas do calendário galego como a Meia Maratona Vigo-Baiona ou a corrida do Sam Martinho (Ourense), de financiamento misto público-privado, constituem espelhos em que se olhar, mas sobretodo, do ponto de vista do investimento público, da participaçom popular, do reconhecimento próprio e alheio e da promoçom do atletismo de base, referentes a superar.

neves asesoría
Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

NOVAS DA GALIZA
APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 692 060 607 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	ESPECIAL ELEIÇONS	12
EDITORIAL	3	REPORTAGEM	10
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
ANÁLISE	14	DESPORTOS	18

SABELA FACAL E LUÍS FONTENLA | O SEQUEIRO DA PORTELA

“Começa a haver pessoas pioneiras na recuperaçom do rural, sem ainda existir um apoio institucional decidido”

A. SANTOS / Duas pessoas moças, de origem urbana, trajectória de compromisso nos movimentos populares e forte identificaçom com a Galiza. Um perfil relativamente freqüente desses novos galegos e galegas que olham para o rural e actuam decididamente para fomentar umha outra forma de vida. Sabela Facal e Luís Fontenla pugérom em andamento O Sequeiro da Portela, um projecto de recuperaçom dos soutos do Courel, que valoriza saberes tradicionais e pretende demonstrar umha outra possibilidade, recuperar os soutos e comerciar com a castanha.

Que vos leva ao rural?
Sabela: Eu levava anos a trabalhar na zona da Ribeira Sacra, vinculada a colectivos em favor da produçom ecológica, do consumo consciente... as minhas preferências sempre apontárom para aqui, por forma de vida e por consciência social.
Luís: Sim, queríamos estar no rural. Estávamos especialmente interessados na cultura da castanha, e em demonstrarmos a vigência de certas formas tradicionais de uso, que quase nom dependem de recursos energéticos de fora. Assi foi que compramos um sequeiro e mantemos um souto em regime de arrendamento: poda, limpeza e recolhida das castanhas.

Recentemente, a Junta está-se a interessar pola recuperaçom deste cultivo.
Luís: Sim, por garantir quantidade suficiente para as grandes empresas de transformaçom, fomentar um cultivo “competitivo”, como eles o chamam, e garantir as exportaçons. Para isso cumprem grandes extensons de monocultivo de castinheiro, umha única variedade, um tamanho, e investimento tecnológico... nom é o nosso.
Sabela: Bom, parece-nos bem que existam essas iniciativas, um fomento da empresa moderna galega, mas a nossa proposta é mui diferente. Pretendemos recuperar um cultivo em terreo em encosta, onde dificilmente entra maquinária, com muita variedade de castinheiros e onde a energia do secado provém da lenha do souto.

A gente dirá que isso nom é rendível...
Sabela: Depende o que se entenda por rendível. Nós pretendemos viver para isto, consideramos umha vantagem do rural a possibilidade de orientar um mesmo o seu porvir laboral. E claro, nom somos umha empresa convencional que olha para os lucros, senom um projecto de recuperaçom desta actividade, baseado no comércio local, de pequeno rátio. Que nos permita viver dignamente, e pronto.

Nom resulta difícil atrair gente nova ao rural, com as poucas opçons que existem, segundo o modelo de vida actual?
Luís: Primeiro há que diferenciar, nom fazer o simplismo típico da cidade. Rural? Que rural? Porque umha cousa é viver na Ulhoa, um rural vivo, relativamente povoado, fácil de trabalhar, perto de vilas fortes...e outra cousa é a montanha, vivermos quase num parque natural. Isto é mais exigente, claro.
Sabela: Está claro que tes que gostar disto, senom nom serve. Nom há que convencer ninguém, umha vida assi tes que gozá-la tu mesmo, senom nada. Há grandes vantagens, e grandes inconvenientes, mas é como todo. Eu nom o cambio por nada do mundo.

E o abandono nom tem muito que ver com o desatendimento institucional?
Luís: Sem dúvida. Faltam serviços básicos, e essa é umha luita em que queremos participar. Transporte, centros sociais, actividades culturais, nem que forem ambulantes... porque umha vez que de acima dás certas facilidades, de abaixo a gente activa-se, e há como umha espécie de retroalimentaçom que faz que todo ande. O que nom podes, das instituiçons, é desaparecer, nom fazer nada; ou no extremo contrário, querer dar todo feito, sem que funcionem grupos de decisom na base. Trata-se de apoiar deixando que a gente fale, opine, se envolva.
Sabela: Isso é. O problema nom é viver com pouco dinheiro, quase sem consumir. Isso som aspectos que pensamos positivos do rural. O problema é que se organizem cursos de novas tecnologias sem dispormos tam sequer de computadores, que nom haja bibliotecas, que nom se demonstre à gente o benefício que seria um parque natural. Que imponham as cousas de acima, sem mais...

Existe a possibilidade de coordenaçom com gente nova que chega às zonas de montanha?
Sabela: Existe, e nós participamos disso. Porque o problema do Courel e da montanha em geral, contra o que di a Junta, nom é “fixar populaçom”. Se populaçom já nom há, nom chega para fazer produtivo o território! O problema é que nom vem populaçom nova. E para que venha cumpre coordenar iniciativas.
Luís: Terá que ser o associacionismo o que o faga, o que pressione as instituiçons. Porque como é possível que empresas privadas -por exemplo as da madeira- consigam trazer populaçom à montanha, mesmo populaçom romanesa, com incentivos péssimos, e condiçons de sémi-escravismo, e a Junta nom o consiga? Nom podia oferecer condiçons dignas, alugueres públicos, alternativas laborais? Nós pensamos que é possível e imprescindível, já existe em outros lugares montanhosos da Europa.